



INSTITUTO POLITÉCNICO  
DE VIANA DO CASTELO

---

# EDUCAÇÃO ARTÍSTICA EM CONTEXTO NÃO FORMAL

Sandra Santos Silva

---

---





INSTITUTO POLITÉCNICO  
DE VIANA DO CASTELO

Sandra Santos Silva

# Educação Artística em Contexto Não Formal

Mestrado em Educação Artística

Trabalho efetuado sob a orientação do(a)  
Professora Doutora Adalgisa Castro Maia Pontes

Agosto de 2021

## **DEDICATÓRIA**

À minha família

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à Professora Doutora Adalgisa Pontes pelas sugestões e críticas que me ajudaram na construção desta dissertação.

À instituição participante desta pesquisa pela disponibilidade apresentada em demonstrar cada espaço e atividades da instituição, me inspirando para estudo.

Aos Professores do Mestrado em Educação Artística pelos saberes transmitidos na formação inicial deste processo.

Aos Encarregados de Educação dos alunos, pela permissão e colaboração na participação dos educandos.

Ao coordenador de Mestrado Professor Doutor Carlos Almeida pelo apoio e orientação desde o início do processo de acesso ao Mestrado até a conclusão da dissertação.

À minha família por acreditarem em mim.

Os meus sinceros agradecimentos a todos, que de alguma forma contribuíram para a conclusão desta dissertação.

## RESUMO

A Educação Artística em contexto não formal tem assumido maior relevância no contexto português nas últimas décadas, não só no contexto das instituições e associações culturais, mas também em grandes projetos junto da comunidade.

Este estudo centrou-se no contexto não formal, junto de uma associação cultural do Alto Minho que nos últimos anos tem desenvolvido um trabalho singular e contínuo junto da sua comunidade na área Educação Artística. Neste contexto procurou-se conhecer as estratégias de ensino utilizadas na exploração da Expressão Plástica e identificar os fatores de motivação para que as crianças de 1º ciclo Educação Básica (EB) na Educação não formal optem pela Oficina das Artes.

Tendo por base uma metodologia qualitativa, sedimentada no estudo de caso, participaram quarenta e nove crianças que frequentam a Oficina das Artes das Atividades de Tempos Livre (ATL). Os dados foram recolhidos a partir da técnica da observação, realizada nas Oficina das Artes da instituição, do questionário implementado às crianças do 1º Ciclo (EB) e da entrevista realizada à coordenadora pedagógica e a professora na Oficina das Artes.

Verificou se neste estudo uma boa prática do ensino da arte com destaque para uma metodologia que prioriza a criança e suas preferências dando a elas a liberdade em escolher em qual oficina irá participar. O resultado é o interesse partindo da criança em frequentar e realizar as atividades propostas na oficina de arte.

**Palavras-chave:** Educação Artística, Educação Não Formal, Expressão Plástica

## **ABSTRACT**

Artistic Education in a non-formal context has assumed greater relevance in the Portuguese context in recent decades, not only in the context of cultural institutions and associations, but also in large projects with the community.

This study focused on the non-formal context, with a cultural association of Alto Minho that in recent years has developed a unique and continuous work with its community in Artistic Education. In this context, we tried to know the teaching strategies used in the exploration of Plastic Expression and to identify the motivation factors for the children of 1st cycle Basic Education (EB) in Non-Formal Education to opt for the Arts Workshop.

Based on a qualitative methodology, based on the case study, forty-nine children who attended the Arts Workshop of Free Time Activities (ATL) participated. The data were collected from the observation technique, carried out in the Arts Workshops of the institution, the questionnaire implemented to the children of the 1st Cycle (EB) and the interview carried out with the pedagogical coordinator and the teacher in the Arts Workshop.

It was verified in this study a good practice of art teaching with emphasis on a methodology that prioritizes the child and his preferences giving them the freedom to choose in which workshop they will participate. The result is the child's interest in attending and carrying out the activities proposed in the art workshop.

**Keywords:** Artistic Education, Non-Formal Education, Plastic Expression.

## ÍNDICE

DEDICATÓRIA.....	1
AGRADECIMENTOS.....	2
RESUMO .....	3
ÍNDICE DE FIGURAS.....	7
ÍNDICE DE TABELAS .....	7
LISTAGEM DE ABREVIATURAS.....	7
INTRODUÇÃO .....	8
CAPÍTULO I - CONTEXTO DE INVESTIGAÇÃO .....	10
1.0 Introdução e finalidades.....	10
1.1 Contexto do estudo.....	10
1.2 Problema de Investigação.....	12
1.3 Finalidades e questões de investigação .....	13
1.4 Pertinência da investigação .....	13
CAPÍTULO II - REVISÃO DA LITERATURA .....	15
2.0 Introdução e finalidades.....	15
2.1 A Educação Artística.....	15
2.2. Educação Não Formal .....	19
2.3 A Educação Artística e a Educação não formal .....	22
2.4 Abordagem da Expressão Plástica com crianças do 1º CEB .....	25
CAPÍTULO III - METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO .....	28
3.0 Introdução e finalidades.....	28
3.1 Estudo de Caso.....	28
3.1.1 Vantagens e desvantagens do Estudo de Caso.....	29
3.2 Seleção de técnicas e instrumentos de recolha de dados .....	30
3.2.1 Observação .....	30
3.2.2 Entrevista.....	31
3.2.3 Questionário .....	33



3.2.4 Fotografia.....	34
3.2.5 Notas de Campo .....	34
3.4 Análise de dados.....	35
3.5 Triangulação.....	35
3.6 Desenho de investigação .....	35
3.7 Questões éticas .....	36
CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....	38
4.0 – Introdução e finalidades.....	38
4.1 Caracterização dos participantes.....	38
4.2 Oficina de Arte no contexto não formal.....	39
4.2.1 Estratégias utilizadas na exploração da Expressão Plástica na Oficina de Arte .....	44
4.3 Planeamento de atividades de Expressão Plástica para as crianças do 1ºCEB em contexto não formal.....	47
4.4 Participação das crianças nas Oficina de Arte.....	48
CAPÍTULO V – CONCLUSÕES .....	52
5.0 Introdução e finalidades .....	52
5.1 Resumos dos Capítulos anteriores .....	52
5.2 Considerações Finais.....	53
5.3 Sugestões para futuras investigações.....	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS.....	58
APÊNDICES.....	63
Apêndice I- Solicitação de Autorização da Instituição.....	64
Apêndice II – Solicitação de autorização para os Encarregados de Educação ....	65
Apêndice III – Grelha de observação.....	66
Apêndice IV– Questionários às crianças .....	67

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Organograma das atividades da associação cultural .....	11
Figura 2: Guião da entrevista semiestruturada à Coordenadora Pedagógica.....	31
Figura 3: Guião da entrevista semiestruturada à monitora.....	32
Figura 4: Frequência de crianças por ano escolaridade.....	38
Figura 5: Crianças em atividade com lápis de cera .....	42
Figura 6: Crianças em atividade com tintas.....	43
Figura 7: Painel com algumas atividades das crianças .....	43
Figura 8: Frequência de crianças por atividade .....	49
Figura 9 Frequência na Oficina de Arte por idade .....	49
Figura 10: Frequência semanal da oficina de arte.....	50

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Cronograma das ações de pesquisa .....	35
Tabela 2: Preferência das atividades.....	51

## LISTAGEM DE ABREVIATURAS

ATL - Atividades de Tempos Livres

1º CEB – Primeiro Ciclo do Ensino Básico

## INTRODUÇÃO

Esta investigação pretendeu explorar a Educação Artística desenvolvida em contexto não formal no âmbito das Atividades de Tempos Livres (ATL) com crianças de 1º Ciclo do Ensino Básico (CEB) numa associação cultural situada na região de Viana do Castelo.

Surgiu da necessidade de melhor compreender e otimizar o processo de ensino-aprendizagem da Expressão Plástica no contexto de uma Oficina de Arte na qual as crianças são convidadas a explorar diversas técnicas. Assim, pretendeu-se com o presente estudo conhecer a dinâmica de trabalho realizado na Oficina de Arte e as estratégias utilizadas na exploração da Expressão Plástica para que as crianças do 1º CEB se sintam motivadas em participar na mesma.

Face aos objetivos de estudo delineou-se um conjunto de questões que pretendeu explorar cada temática: a primeira relacionada com o planeamento das atividades de Expressão Plástica para as crianças do 1º CEB na Oficina de Arte; a segunda elencada às estratégias que potenciam a participação das crianças na referida oficina e por fim, a terceira questão prendeu-se com o conhecer a forma de dinamização da Oficina de Arte no contexto não formal para crianças do 1º CEB.

De cariz qualitativo, considerou-se a metodologia de estudo de caso a mais adequada para dar resposta às finalidades e questões de investigação traçadas. Para tal recorreu-se à observação, entrevista e questionário como técnicas de recolha de dados. Neste contexto foram realizados os seguintes instrumentos: grelha de observação, guião da entrevista semiestruturada e o documento do questionário.

Esta investigação ocorreu entre os meses de setembro de 2019 e dezembro de 2020, sendo interrompida entre março e junho devido ao contexto da pandemia (Despacho n.º 3485-C/2020). Sendo assim a calendarização foi alterada de modo a ser viável no novo contexto para alcançar os objetivos propostos.

A pertinência do estudo passa pelo contributo que este pode potenciar a um espaço que merece ser divulgado e que ajuda a clarificar as questões relacionadas com a importância e contribuição da educação não formal no contexto de uma Oficina de Arte.

Este trabalho, por ser no âmbito não formal, pode ser considerada conforme Gohn (2014) como sendo um dos fenômenos centrais na vida do ser humano situada num plano de horizontes e perspectivas, que envolvem questões como educação, cultura e formação dos indivíduos.

O presente estudo possui caráter inovador na medida em que estudou uma Oficina de Arte no contexto de Atividade dos Tempos Livres desenvolvido por uma associação que já tem tradição e reconhecimento da comunidade. É de grande valia para educadores ou formandos na Educação Artística, uma vez que por um lado, os trabalhos que existem sobre o tema são residuais e por outro, procura relatar de forma mais completa possível a experiência de uma boa prática de ensino.

Este documento foi estruturado em cinco capítulos e visa constituir uma base conceptual acerca desta vertente educativa.

Deste modo, no capítulo um, da investigação, apresenta-se o contexto do estudo, a pertinência do mesmo partindo da problemática que está subjacente, a sua finalidade e respetivas questões de investigação.

No capítulo dois, revisão da literatura, realiza-se uma abordagem às palavras-chave: Educação Artística, Educação Não formal e Expressão Plástica com base em autores de referência e considerando diversas publicações para suporte à área em estudo.

A abordagem da metodologia de investigação, no capítulo três, inicia-se com a justificação da escolha do método, a seleção das técnicas e instrumentos de recolha de dados, a análise dos mesmos e a sua triangulação. Termina-se com o desenho de investigação e as questões éticas.

No capítulo quatro expõe-se os dados recolhidos pelos instrumentos de recolha de dados já citados fazendo a sua discussão tendo por base o enquadramento teórico do estudo.

Por último, no capítulo cinco apresenta-se as conclusões finais a respeito do trabalho bem como as implicações de futuras investigações sobre o tema.

## **CAPÍTULO I - CONTEXTO DE INVESTIGAÇÃO**

### **1.0 Introdução e finalidades**

Este capítulo tem início com a apresentação do contexto do estudo que incide numa breve descrição da associação onde se desenvolveu a pesquisa. Posteriormente é apresentado o problema de investigação bem como as finalidades, e questões de investigação. Por fim refere-se a pertinência da realização desta investigação.

### **1.1 Contexto do estudo**

Este estudo pretendeu explorar a Educação Artística desenvolvida em contexto não formal com crianças de 1º ciclo (EB) numa associação cultural situada na região Viana do Castelo.

Capital de distrito, Viana do Castelo, está situada no Norte de Portugal, possui 40.000 mil habitantes e a sua dimensão é de 314 km<sup>2</sup> sendo 24 km deles, Orla Costeira. Apresenta uma grande riqueza ao nível do património natural, monumental e histórico e excelentes equipamentos culturais, desportivos e sociais. Conta ainda com modernizados espaços culturais como o teatro, cinema, biblioteca e museus.

É reconhecida como capital do folclore português pela sua singularidade etnográfica vianense, e tem também especial relevo no fabrico de louça e bordados. Tem dinamizado distintos eventos culturais, sendo alguns de carácter fixo e outros esporádicos, tendo assim programação cultural no decorrer do ano todo (Viana, 2020).

Estes eventos são divulgados através de folhetos mensais realizados pela Câmara Municipal de Viana do Castelo que posteriormente são disponibilizados em lojas comerciais da cidade, equipamentos culturais, instituições de ensino, entre outros podendo ser consultada ainda em arquivo no site da Câmara Municipal Viana do Castelo.

Estes folhetos têm por norma nas suas capas evidências do património cultural de Viana do Castelo, a arquitetura histórica e moderna, artistas, cerâmica, cerimônias religiosas, bordados entre outros.

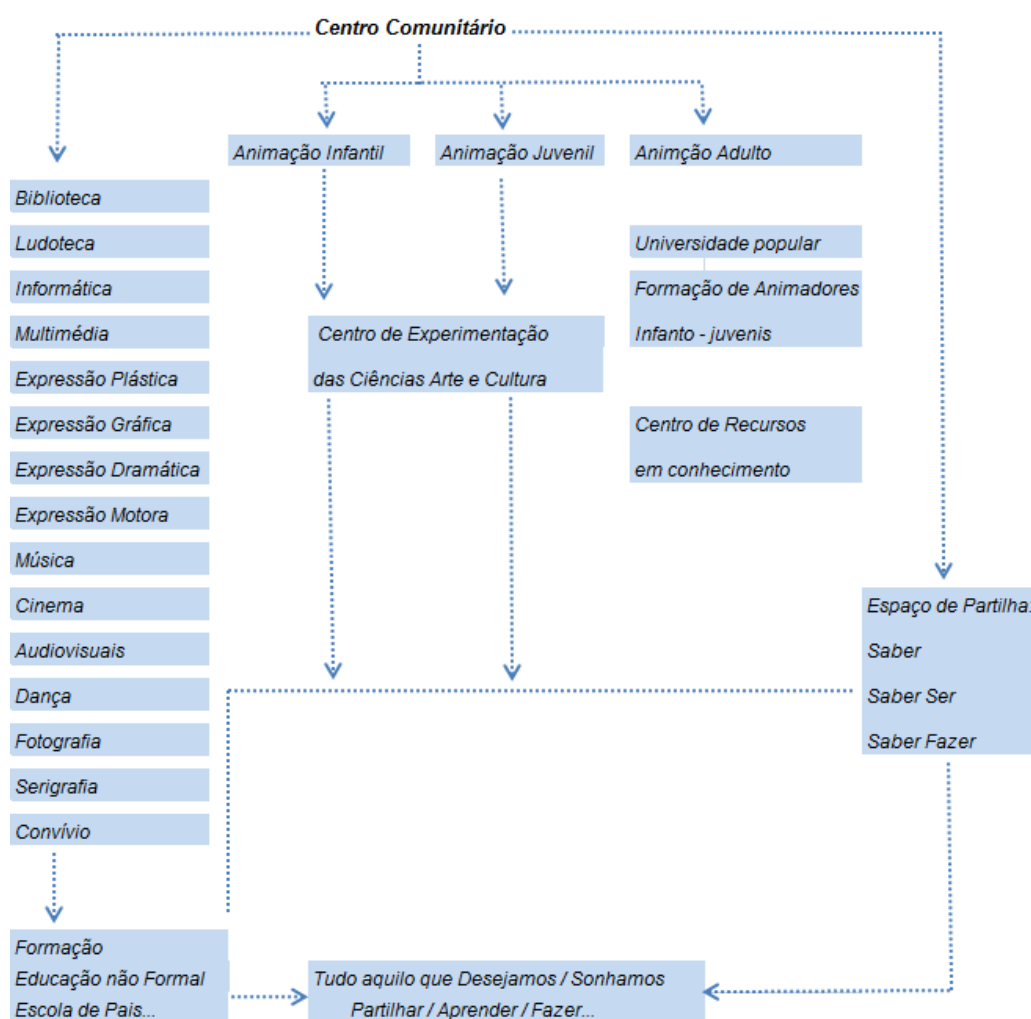
A divulgação dos eventos culturais do distrito de Viana do Castelo está apresentada em categorias como Exposições, Música, Dança, Teatro entre outras.

A cidade de Viana do Castelo apresenta também várias associações culturais com forte dinamismo junto da sua comunidade, sendo uma delas o contexto para esta investigação. Assim, o estudo aplicou-se numa associação cultural de solidariedade social sem fins lucrativos fundada na década de oitenta do século vinte. A sua intervenção centrava-se, inicialmente, em atividades culturais atendendo públicos variados e em diversas faixas etárias: infantil, juvenil e adulto.

Em 2000 inaugura um novo edifício que conta com uma ampla estrutura para o atendimento às crianças jovens e comunidade em geral em diversas Oficinas e atividades.

**Figura 1**

*Organograma das atividades da associação cultural*



(Nota: Adaptado a partir de informativo da própria instituição)

Segundo Albert Meister, associação corresponde a “grupos de indivíduos que decidem voluntariamente pôr em comum os seus conhecimentos ou actividades de forma continuada, segundo regras por eles definidas, tendo em vista compartilhar os benefícios da cooperação ou defender causas ou interesses” (Meister, citado por Viegas, 2004, p. 34.).

A associação em estudo é uma das cinquenta e oito que pertencem à Rede de Centro de Recursos de Conhecimento que está sobre a competência do Instituto do Emprego e Formação Profissional.

A Oficina de Arte estudada faz parte do Centro de Atividades de Tempos Livres (CATL), que pela diversidade de atividades que pode oferecer e pelo acompanhamento sobretudo às crianças, se torna uma resposta social cada vez mais procurada pelas populações, constituindo assim uma resposta adequadas às crianças e jovens, tendo em vista o seu desenvolvimento integral e a sua inserção na comunidade (Macedo, 1998).

Na instituição as Atividades de Tempos Livres são parte integrada do Centro Comunitário especificamente na animação infantil com várias atividades e oficinas disponibilizadas às crianças conforme organograma da figura 1.

## **1.2 Problema de Investigação**

A Educação Artística faz parte do programa obrigatório do 1º Ciclo do Ensino Básico (Lei 55/2018, de 6 de julho), todavia para além do contexto formal muito se tem feito também no contexto não formal:

Em Portugal, neste momento, grandes projetos de educação artística são empreendidos em contextos de ensino não formal, na comunidade, nas instituições culturais e em organizações como museus, centros culturais, teatros, associações culturais, fundações, etc. subitamente, o mundo da cultura e da produção das artes descobriu que tinha de apostar na educação. Primeiramente na formação de públicos, por questões óbvias, e depois, ou ao mesmo tempo, no desenvolvimento da formação artística da criança e do adulto. (Eça, 2008, p.34)

A associação cultural em estudo tem desenvolvido ao longo dos anos trabalho na área da Educação Artística no contexto não formal com amplo reconhecimento na comunidade. Neste sentido e sendo esta instituição singular neste contexto procurou-

se conhecer as práticas, atividades e ações desenvolvidas no âmbito das Oficina de Arte no âmbito do Centro de Atividades de Tempos Livres.

### **1.3 Finalidades e questões de investigação**

Com o objetivo de conhecer a dinâmica da Oficina da Artes no contexto não formal, delineou-se duas grandes finalidades:

- Conhecer as estratégias utilizadas na exploração da Expressão Plástica no contexto não formal;
- Identificar a motivação que levam as crianças de 1º CEB no contexto da educação não formal ao optar pela Oficina da Arte.

Partindo da identificação do problema e das finalidades do estudo foram colocadas as seguintes questões de investigação:

- Como são planeadas as atividades de Expressão Plástica para as crianças do 1º CEB?
- Como despertar nas crianças a sua participação na Oficina de Arte?
- De que forma é dinamizada a Oficina de Arte no contexto não formal para crianças do 1º CEB?

### **1.4 Pertinência da investigação**

Stern (1974) defende também que a arte e, conseqüentemente, a atividade criadora, está intimamente ligada à formação da personalidade da criança – “os que praticam a educação criadora estão conscientes de desenvolver a personalidade da criança, de formar o seu caráter e de fazer dela, ao mesmo tempo, um ser sociável, desligado de complexos, mas tendo adquirido o sentido da responsabilidade” (p.17). Esta citação introduz bem a pertinência deste trabalho uma vez que conceitua de uma forma clara o termo tempo livre, colocando de forma adequado ao estudo por ser este realizado num Centro de Atividade de Tempos Livres.

As pesquisas realizadas, principalmente em repositórios de dissertações e teses das Instituições Portuguesas confirmaram esta pertinência pois poucos são os estudos realizados sobre este tema Educação Artística em contexto não formal, principalmente que especifique o primeiro ciclo.



Deste modo a pertinência deste estudo passa, por um lado pela existência residual de investigação nesta área específica e por outro pela associação em foco ser um caso particular de dinamização da Educação Artística não formal patente na longevidade desse trabalho junto da comunidade.

## **CAPÍTULO II - REVISÃO DA LITERATURA**

### **2.0 Introdução e finalidades**

Neste capítulo, apresenta-se o enquadramento teórico efetuado tendo por base as palavras-chave: Educação Artística, Educação Não formal e Expressão Plástica. Esta revisão da literatura pretendeu aprofundar as diferentes terminologias e olhares sobre a mesma temática.

### **2.1 A Educação Artística**

A Educação Artística é um

conjunto de meios, de procedimentos, de regras relativos a uma determinada actividade ou profissão. Maneira que manifesta um gosto, uma procura, um sentido estético. Expressão desinteressada e ideal do belo; conjunto de actividades criadoras que traduzem essa expressão. Cada um dos domínios em que é exercida a criação estética, artística. (Larousse, 2009, p.673)

O termo Educação Artística não é consensual quanto ao seu real significado e objetivos implícitos, pelo que, de acordo com Eça (2008) “as terminologias para designar a educação através da apreciação, análise crítica e produção artística são extremamente ambíguas e conflituosas, levando a interpretações por vezes redutoras das potencialidades desse tipo de educação” (p.1). A autora propõe que se abandonem os termos Educação Artística e o termo anglo-saxónico arte - educação por os considerar extremamente dúbios.

Utilizaram-se outras designações como “ensino da arte, educação pela arte ou pelas artes, através das artes, e arte – educação, que foram extremamente importantes após a segunda guerra mundial, sob a orientação teórica de Herbert Read” (Eça, 2008, p. 1).

Em Portugal usam-se os termos Educação Visual, Expressão Plástica, Música, Expressão Dramática/Teatro, Oficina de Artes, Desenho, etc., para designar as áreas curriculares que compõem a Educação Artística.

Partindo desta definição apresenta-se, ainda que de forma breve, diferentes perspectivas sobre a Educação Artística através de investigadores, instituições e legislação no contexto português com enfoque para as artes visuais e no contexto do 1º CEB.

Barbosa (2004) refere que a arte tem como função a “mediação entre os seres humanos e o mundo, apontando um papel de destaque para a arte/educação: ser a mediação entre a arte e o público” (Barbosa, 2009, p. 13).

A educação é vista como o processo mais acertado para o estímulo da consciência cultural do indivíduo, através dele consegue fazer o reconhecimento e apreciação de toda a cultura (Barbosa, 2004).

Sousa, Monteiro e Mendes (s.d.) fazem uma breve abordagem às origens da Educação pela Arte: A Educação pela Arte teve origem na Alemanha do pós-guerra, tendo como seus principais mentores - Read (1893-1968) e Lowenfeld (1903-1960) - dando ênfase à esfera emocional do indivíduo, valorizando a sua originalidade e expressão da personalidade, onde o papel do professor se diluía. Nesta aceção, as artes visuais não eram entendidas como um fim, mas como um meio. Para Read (1982), a arte deveria ser a base da Educação (pp. 3-4).

Segundo Eisner (2008), “as artes ensinam os alunos a agir e a julgar na ausência de regras, a confiar nos sentimentos, a prestar atenção a nuances, a agir e a apreciar as consequências das escolhas, a revê-las e, depois, fazer outras escolhas” (p.10).

A ideia de que a arte é um despertador para os sentidos, encontra reforço na construção de Eisner (2008):

As artes são, no fim, uma forma especial de experiência, mas, se há algum ponto que eu gostaria de enfatizar, é que a experiência que as artes possibilitam não está restrita ao que nós chamamos de belas artes. O sentido de vitalidade e a explosão de emoções que sentimos quando comovidos por uma das artes pode, também, ser assegurada nas ideias que exploramos com os estudantes, nos desafios que encontramos em fazer investigações críticas e no apetite de aprender que estimulamos. No longo caminho estas são as satisfações que interessam principalmente por serem as únicas que garantem, se é que se pode garantir, que, aquilo que nós ensinamos aos estudantes vai continuar a persegui-los voluntariamente, depois de todos os incentivos artificiais das nossas escolas serem esquecidos. É especialmente neste sentido que as artes servem de modelo para a educação. (p. 15)

No contexto português e de acordo com Sousa (2003), “um problema que se levanta a nível nacional é o da formação dos professores que terão a responsabilidade desta Educação Artística, num tempo da Educação pela Arte e noutra Educação para a Arte” (p.33). O mesmo autor esclarece, ainda, de forma sucinta, as diferentes características entre Educação pela Arte, as Artes na Educação e Ensino Artístico.

Na Educação pela Arte, o objetivo é educar, formar a pessoa num quadro vasto de experiências, através de uma metodologia em que a arte funciona como um meio para educar. Privilegia a liberdade de expressão do indivíduo para criar, inventar, experimentar, pensar, errar, desejar, sentir, questionar, criticar, transformar, para refletir sobre particularidades, semelhanças e diferenças, para explorar o lado sensível e emocional do ser, para extrair das expressões a arte, a versatilidade e a criatividade expressiva para saber argumentar, para saber mediar o seu pensamento, a sua forma de ser e de estar junto a grupos distintos no complexo processo da interação humana.

Para as Artes na Educação o objetivo é a educação cultural a contribuir para a formação pessoal e social da pessoa, através de uma metodologia centrada numa determinada Arte (como são exemplo, a dança, a música e o teatro).

Por último, o Ensino Artístico tem como objetivo a formação de artistas. O objeto é a arte através de cursos de formação profissional onde são contempladas sessões para a aprendizagem de Piano, Escultura, Arquitetura e outras (Sousa, 2003).

A nível institucional, no contexto internacional destaca-se a Sociedade Internacional de Educação Através da Arte - InSEA, criada em 1954. É uma organização não-governamental filiada na UNESCO, segundo a qual “a Educação através das artes, pelas e com as artes constitui um meio natural de aprendizagem em todas as etapas do desenvolvimento do indivíduo” (InSEA,2021, p.1).

Esta organização promove o encontro em rede, em congressos e publicações e discussão da comunidade internacional, em torno da Educação Artística visando o fortalecimento desta na educação geral.

Observa-se através dos estudos e pesquisas que a arte vem sendo reconhecida como parte essencial no desenvolvimento do indivíduo tal como demonstra a UNESCO (2020):

A arte, em toda a sua diversidade, é um componente essencial de uma educação integral para o pleno desenvolvimento do indivíduo. Hoje, as habilidades, valores e comportamentos promovidos pela educação artística são mais importantes do que nunca. Essas competências - criatividade,

colaboração e solução imaginativa de problemas - desenvolvem resiliência, estimulam a apreciação da diversidade cultural e a liberdade de expressão e cultivam a inovação e as habilidades de pensamento crítico. Como um vetor de diálogo no sentido mais elevado, a arte acelera a inclusão social e a tolerância em nossas sociedades multiculturais conectadas (UNESCO,2020, par. 1).

Ainda a nível internacional salienta-se a rede europeia ELIA que como missão representar o Ensino Superior de Artes destacando valor da educação artística e da pesquisa artística. Os seus principais objetivos são: fortalecer a posição do ensino superior de artes; apoiar o desenvolvimento gratuito da educação nas artes; promover as artes para o desenvolvimento social e econômico; incentivar a diversidade cultural e promova a comunicação entre culturas (ELIA, 2021).

De acordo com a Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE) português a Educação Artística é obrigatória no ensino formal, assegurando o direito à educação e à cultura nos termos da Constituição Portuguesa (Lei n.º 46/86). Porém, apenas seis anos mais tarde à LBSE, e através do Decreto-lei n.º 344/90, é definido e regulamentado a implementação da Educação Artística no sistema educativo português. No seu preâmbulo o governo assume que

a educação artística é parte integrante e imprescindível da formação global e equilibrada da pessoa, independentemente do destino que venha a ter. A formação estética e a educação da sensibilidade assumem se, por isso, como elevada prioridade da reforma educativa em curso e do vasto movimento de restituição à escola portuguesa de um rosto humano (Decreto-lei n.º 344/90).

Em 2001, com a aprovação do Decreto-Lei n.º 6/2001, de novo assume particular relevo esta área da educação, ao afirmar-se no seu preâmbulo a necessidade do desenvolvimento da Educação Artística. Este decreto estabelece ainda as áreas curriculares disciplinares para o ensino básico, sendo identificadas como: Expressões Artísticas e Físico - Motoras no primeiro ciclo; Educação Artística e Tecnológica no segundo, incluindo as disciplinas de Educação Musical, Educação Visual e Tecnológica; Educação Artística no terceiro, na qual estão as disciplinas de: Educação Visual e uma de opção (Educação Musical, Teatro, Dança, Oficina de Expressões, etc.).

Treze anos mais tarde e através do Decreto-Lei n.º 176/2014, é estabelecido o número mínimo de horas obrigatórias para cada componente do currículo. Para as

Expressões Artísticas e Físico Motoras no contexto do 1º CEB são determinadas do 1º ao 4º ano 3 horas semanais.

Quatro anos mais tarde, através do Decreto-Lei n.º 55/2018, surge o conceito de Educação Artística sendo atribuída cinco horas semanais distribuídas por Educação Física, Artes Visuais, Expressão Dramática/Teatro, Dança e Música.

## **2.2 Educação Não Formal**

Nas definições das modalidades de ensino verificamos que os autores procuram definir educação formal e não formal, e muitos até associaram a esta última à educação informal.

Para Canário (2006) a educação não formal é entendida no âmbito das “situações educativas (não formais ou informais) que se distinguem e demarcam do formato escolar” (p.3) e se “situam num continuum” (p.3).

Autores como Gadotti (2005) e Gohn (2006) estabelecem uma fronteira entre elas, colocando nas suas definições comparações entre as suas características, colocando-as como estáticas e difusas. Assim, definem a educação formal como aquela que é ministrada no espaço escolar, onde o aluno deve seguir um programa pré-determinado, semelhante ao dos outros alunos que frequentam a mesma instituição. Tem finalidades determinadas e segue um currículo formal definido centralmente, cuja responsabilidade de o definir e colocar em prática está sob o controlo do Estado, ou de uma delegação sua representante como no caso português é o Ministério da Educação. Por sua vez a educação não formal segue uma sequência, uma intencionalidade, mas essa pode ser definida por qualquer instituição não escolar e pode ser também ministrada por qualquer profissional.

Deste modo e de acordo com Gadotti (2005) a:

educação formal tem objetivos claros e específicos e é representada principalmente pelas escolas e universidades. Ela depende de uma diretriz educacional centralizada como o currículo, com estruturas hierárquicas e burocráticas, determinadas em nível nacional, com órgãos fiscalizadores dos ministérios da educação. A educação não formal é mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática. Os programas de educação não-formal não precisam necessariamente seguir um sistema sequencial e hierárquico de

'progressão'. Podem ter duração variável, e podem, ou não, conceder certificados de aprendizagem. (p.2)

Esta definição em muito se assemelha aquela apresentada por Trilla-Bernet, (2003), que associa a educação formal ao ensino regular, a não formal a todos os processos educativos estruturados e intencionais que ocorrem fora da escola, porém define também a informal como aquelas aprendizagens realizadas em contextos de socialização (família, amigos, comunidade).

Gohn (2006) define educação formal como:

aquela que é desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante o seu processo de socialização – na família, bairro, clube, amigos, etc.- carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não formal é aquela que se apende no “mundo de vida”, via os processos de partilha de experiências, principalmente em espaços e ações colectivas quotidianas (Gohn, 2006, p.28).

Porém, a autora vai além da definição promovendo uma reflexão a respeito do desenvolvimento da ação educativa a partir de seis questões que foram respondidas comparativamente entre as modalidades formal, não formal e informal de ensino. No entanto, para este trabalho foram priorizadas informações referentes à educação não formal, por ser o contexto em que se desenvolveu o estudo. Assim,

- (1) o educador -agente do processo de construção do saber - é “o outro” (Gohn, 2006, p.29) com quem se interage ou se integra;
- (2) o local, espaço ou território onde se educa, assume-se como outra das questões fundamentais nesta distinção, pois acompanha as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos fora das escolas, seja em locais informais, seja em locais onde existem processos interativos intencionais;
- (3) como se educa - contexto/situação - o contexto ou situação educativa constrói-se em ambientes de ação construídos coletivamente e a participação, regra geral, é voluntária. Nesta modalidade importa destacar a intencionalidade da ação educativa, da participação, de aprender, de transmitir ou trocar saberes;
- (4) porquê - finalidades/objetivos - na educação não formal a finalidade consiste em abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos, bem como as relações sociais que este estabelece. Neste sentido capacita-os

para se tornarem cidadãos do/no mundo. Aqui os objetivos não são dados previamente, constroem-se na interação, gerando um processo educativo, voltado para e a partir dos interesses e necessidades de quem participa;

(5) a característica mais pertinente na educação não formal consiste em não ser organizada por níveis, idades ou conteúdos e pode atuar sobre aspetos subjetivos de um grupo (cultura política, laços de pertença, identidade coletiva, processos de cidadania coletiva);

(6) os resultados esperados.

Trilla-Bernet (2003) realiza uma definição mais sucinta, segundo o autor a educação formal e não formal assumem um carácter intencional, estando sujeita a objetivos explícitos de aprendizagem, sendo este o ponto que as diferenciam da educação informal. Deste modo,

os conceitos de educação formal e não formal representam uma clara relatividade histórica e política: o que antes era não formal pode passar a ser formal, do mesmo modo que algo pode ser formal num país e não formal noutro (Trilla-Bernet, 2003, p.29).

La Belle (1982, 1986) sugere que a educação formal regular utiliza abordagens não formais e informais, do mesmo modo que utiliza a formal, como também os programas de educação não formal utilizam recursos formais. Assim para o autor a principal diferenciação entre experiências formais e não formais reside na distinção entre “modos predominantes de aprendizagem, pois na prática a educação informal, não formal ou formal, devem ser vistas como modos predominantes de aprendizagem em vez de entidades distintas e compartimentadas” (p. 162).

A educação não formal é abordada na LBSE português através da educação extra-escolar que “engloba actividades de alfabetização e de educação de base, de aperfeiçoamento e actualização cultural e científica e a iniciação, reconversão e aperfeiçoamento profissional e realiza-se num quadro aberto de iniciativas múltiplas, de natureza formal e não formal (artigo 4.º Lei n.º 46/86).



### 2.3 A Educação Artística e a Educação não formal

De acordo com Best (1996),

a educação não está, de modo nenhum, limitada ao que acontece nas escolas, colégios e universidades. Há muito que aprender com as artes, ao longo de uma vida. A arte está presente em diversos ambientes, em alguns momentos de forma explícita, em outras subjetivamente” (p.52).

Em Portugal e de acordo com Eça (2008) ”neste momento, grandes projetos de educação artística são empreendidos em contextos de ensino não formal, na comunidade, nas instituições culturais e em organizações como museus, centros culturais, teatros, associações culturais, fundações, etc.”(p. 34). A mesma autora cita como exemplo o caso de Serralves, com suas oficinas para crianças e adultos; o serviço educativo da Fundação Gulbenkian; as oficinas para crianças da Casa da Música no Porto. Especifica ainda projetos e parcerias que afirma serem “interessantes em Portugal são eles: câmara da Amadora e a de Almada, com educação artística nas áreas da expressão visual, dramática e dança; Programas executados por teatros, como o Lugar presente, da Companhia Paulo Ribeiro e residente do Teatro Viriato. Ainda menciona que “quando a cultura anda de mãos dadas com a educação para a comunidade, ganham as comunidades e ganha a cultura” (Eça, 2008, p.34).

O estudo de Pinto e Teles (2009), foi realizado no contexto de intervenção social do Programa Escolhas. Consiste num

programa governamental de âmbito nacional, criado em 2001, promovido pela Presidência do Conselho de Ministros e integrado no Alto Comissariado para as Migrações, cuja missão é promover a inclusão social de crianças e jovens de contextos sócio económicos vulneráveis, visando a igualdade de oportunidades e o reforço da coesão social. (par.1)

Este programa é bastante recorrente em pesquisas referente à Educação Não Formal porque em muito define as suas características como uma prática pedagógica, uma abordagem metodológica com características específicas, tida muitas vezes como alternativa – essencialmente, alternativa ao sistema formal de ensino. Nessa prática pedagógica, que decorre ela própria de um conjunto de escolhas e orientações metodológicas, os autores destacam:

A intencionalidade, sistematicidade e a especificidade da proposta educativa; 2. A sua estrutura e orientação predefinidas; 3. A centralidade do aprendente na

abordagem pedagógica; 4. A valorização da experiência como fator de aprendizagem; 5. A importância das relações de afetividade e proximidade; 6. O papel incontornável das atividades lúdico-pedagógicas; 7. A promoção da participação ativa e voluntária em ambientes não-hierárquicos; 8. A predominância da avaliação qualitativa, contínua e participada por todos; 9. A proposta educativa assente em valores sociais e humanos; 10. A proposta educativa conducente a processos de transformação pessoal e coletiva; 11. A articulação com a educação formal e informal. (p. 74)

Paulo Freire (1976) defende uma educação transformadora, emancipadora e revolucionária na qual o indivíduo adquire conhecimentos na práxis (ação-reflexão), assumindo um papel ativo e exigindo um exercício de cidadania participativa e democrática na construção das comunidades. Deste modo, no âmbito da EA, o indivíduo desenvolve-se no caminho que se propõe seguir, ao seu ritmo, em grupo, num ambiente de proximidade.

Desenvolvido pelas áreas governativas da Cultura e da Educação, o Plano Nacional das Artes (PNA) tem como objetivo tornar as artes mais acessíveis aos cidadãos, em particular às crianças e aos jovens, através da comunidade educativa, promovendo a participação, fruição e criação cultural, numa lógica de inclusão e aprendizagem ao longo da vida. Pretende incentivar o compromisso cultural das comunidades e organizações e desenvolver redes de colaboração e parcerias com entidades públicas e privadas, designadamente, trabalhando em articulação com os planos, programas e redes pré-existentes (PNA, 2020, par.1).

## **2.4 Oficinas de Arte**

De acordo com Freire (2003) “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (p.47). Esta frase, ainda que resumidamente, pode definir o conceito de oficina que é uma metodologia de trabalho que prevê a formação coletiva.

Em conformidade com esta ideia está também o conceito de oficina descrito por Candau (1995) como:

As oficinas são espaços de construção coletiva de um saber, de análise da realidade, de confrontação e intercâmbio de experiências, de exercício concreto dos direitos humanos. A atividade, a participação, a socialização da palavra, a vivência de situações concretas através de sóciodramas, a análise

de acontecimentos, a leitura e discussão de textos, a realização de vídeo debates, o trabalho com diferentes expressões da cultura popular, são elementos presentes na dinâmica das oficinas. (p.8)

De acordo com Gadotti (2005):

Não basta aprender, pois o conhecimento é polivalente. Importa muito mais aprender a aprender e aprender a viver juntos, participar em projetos comuns. Aprender tornou-se sobretudo fazer uma grande viagem ao interior do ser, com autonomia, saber cuidar de si, dos outros, das coisas (p.113).

A partir destes conceitos apresentados pelos autores entende-se então a criança como protagonista da sua aprendizagem o que nos remete para a pedagogia de Malaguzzi (1999). Segundo o autor, as crianças são capazes e, de maneira autônoma, podem “extrair significado de suas experiências cotidianas através de atos mentais envolvendo planejamento, coordenação de ideias e abstrações”(p. 91).

A Pedagogia Reggio Emilia, onde a criança é a protagonista do aprendizado surge no norte da Itália, no pós-guerra. Resumidamente considera a essência da criança, como um sujeito extraordinário, dotado de capacidades e potencial para descobrir o mundo por si só. Através das relações estabelecidas com seus pares, constrói, desde o começo da vida, conhecimento, cultura e sua própria identidade. Dessa forma, a criança é protagonista de sua aprendizagem, pois através de sua curiosidade, experimenta o mundo.

Outro importante exemplo de metodologia de oficina é a do Arno Stern (1974), em seu atelier / oficina trabalha a expressão plástica onde a criança exerce o papel de protagonista de sua aprendizagem. Ele afirma que:

é necessário “não ensinar”, mas “fazer” educação artística. É necessário partir das necessidades da criança e não de um sistema de ensino. As técnicas criadoras e sobretudo a pintura livre têm virtudes educativas. É necessário fazer educação pela arte. Mas não se enganem, não se trata de utilizar a arte para iniciação artística. A arte não entra na criança, sai dela.(p.20)

Stern defende também que a arte e, conseqüentemente, a atividade criadora está intimamente ligada à formação da personalidade da criança – “os que praticam a educação criadora estão conscientes de desenvolver a personalidade da criança, de

formar o seu caráter e de fazer dela, ao mesmo tempo, um ser sociável, desligado de complexos, mas tendo adquirido o sentido da responsabilidade” (p.17).

## **2.4 Abordagem da Expressão Plástica com crianças do 1º CEB**

Segundo Sousa (2003) a Expressão Plástica é definida como uma atitude pedagógica centrada na criança, no desenvolvimento das suas capacidades e na satisfação das suas necessidades, cujo principal objetivo é a expressão das emoções e sentimentos através da criação utilizando materiais plásticos. A criança está suficientemente atenta ao mundo circundante e à realização de novas aprendizagens, relevando-se fulcral estar atento a todos os estímulos que lhes possamos proporcionar desde a mais tenra idade.

Arno Stern (1974) afirma que a pintura para a criança é a expressão do seu eu interior, tenha ela desenhos concretos ou apenas cor. É a partir da arte que comunica, até adquirir o pleno controlo da linguagem falada. A expressão artística é vista como a linguagem do seu inconsciente, tal como um bebé que, para comunicar, usa o choro ou o riso.

A importância de considerar o desenho como primeiro meio em que a criança se expressa significativamente no papel, vem primeiramente por meio dos rabiscos, que são seus registos e que mostram sua particularidade, isto é, seu modelo próprio de expressão.

O desenho, para uma criança, é a continuidade entre o objeto e a representação gráfica, onde, a criança desenha o que sabe sobre o mundo ao seu redor e não como ele exatamente é. Aprende-se desenhar, desenhando. Não há nenhum outro exercício motor que fará a criança aprender a desenhar, pois isso se dá naturalmente, ou seja, quanto mais a criança se sentir segura, mais sua criatividade se expandirá (Stern, 1974).

De acordo com Lowenfeld (1977) “quanto mais autoconfiante a criança, mais ela se arrisca a criar e a se envolver com o que faz. A criança segura se concentra com mais facilidade nas atividades. Consegue se soltar e acreditar no que faz (p.128).

A construção gráfico-plástico segundo Lowenfeld (1977) configura-se em várias fases. Para este estudo destaca-se duas por se centrarem no contexto das crianças do 1º CEB, a pré-esquemática e esquemática.

A fase pré-esquemática situa-se entre os quatro e os sete anos de idade e caracteriza-se pela presença de constantes repetições de símbolos e formas. A criança, através do desenvolvimento gráfico-plástico, descobre a relação entre o objeto e a realidade atingindo a figuração. Apresenta a intenção de representar o mundo que a rodeia, procurando estabelecer um padrão individual.

A fase esquemática, entre o sete e os nove anos corresponde de uma forma geral aos primeiros anos escolares, onde, a criança desenvolve a organização do seu desenho de acordo com uma relação lógica. Agrupa os seus personagens na parte inferior do papel, como se estivessem no chão, criando cenas.

Apesar do presente trabalho estar focado na educação não formal, importa aqui destacar também o que está definido para Expressão Plástica, segundo os documentos norteadores da Educação Básica para as Artes Visuais para melhor compreender o que se pretende trabalhar com crianças do 1º CEB nesta área.

Assim as Artes Visuais:

assumem-se como uma área do conhecimento fundamental para o desenvolvimento global e integrado dos alunos, em consonância com as diferentes Áreas de Competências do Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, mais especificamente dos processos de olhar e ver, de forma crítica e fundamentada, dos diferentes contextos visuais. Assume como principal finalidade o alargamento e enriquecimento das experiências visual e plástica dos alunos, contribuindo para o desenvolvimento da sensibilidade estética e artística, despertando, ao longo do processo de aprendizagem, o gosto pela apreciação e fruição das diferentes circunstâncias culturais (Ministério de Educação, 2018, p. 1)

Ainda segundo o Ministério da Educação no documento Organização Curricular e Programas - 1.º Ciclo do Ensino Básico (2004), nos seus princípios organizadores pode ler-se o que se entende por esta área:

A manipulação e experiência com os materiais, com as formas e com as cores permite que, a partir de descobertas sensoriais, as crianças desenvolvam formas pessoais de expressar o seu Mundo interior e de representar a realidade. (...) A possibilidade de a criança se exprimir de forma pessoal e o prazer que manifesta nas múltiplas experiências que vai realizando, são mais importantes do que as apreciações feitas segundo moldes estereotipados ou de representação realista. (p.89)

As aprendizagens essenciais expressão o que é essencial que os alunos conheçam no final de cada ciclo, assim é importante identificar o que é pretendido em Artes Visuais para o primeiro ciclo. Estão estruturadas por Domínios/Organizadores, designadamente: Apropriação e Reflexão; Interpretação e Comunicação; Experimentação e Criação.

No âmbito da Apropriação e Reflexão salienta-se que

Pretende-se que os alunos aprendam os saberes da comunicação visual e compreendam os sistemas simbólicos das diferentes linguagens artísticas, identificando e analisando, com um vocabulário específico e adequado, conceitos, contextos e técnicas em diferentes narrativas visuais, aplicando os saberes apreendidos em situações de observação e/ou da sua experimentação plástica, estimulando o desenvolvimento do seu estilo de representação.

Referente à Interpretação e Comunicação importa destacar,

Pretende-se, de uma forma sistemática, organizada e globalizante, desenvolver as capacidades de apreensão e de interpretação, no contacto com os diferentes universos visuais, estimulando múltiplas leituras das diferentes circunstâncias culturais. Experimentação e Criação – Conjugam-se a experiência pessoal, a reflexão, os conhecimentos adquiridos, na experimentação plástica de conceitos e de temáticas, procurando a criação de um sistema próprio de trabalho. (p. 2-3)

## **CAPÍTULO III - METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO**

### **3.0 Introdução e finalidades**

Este capítulo descreve as opções metodológicas adotadas e a justificação da seleção do método de Estudo de Caso, apresentando as suas vantagens e desvantagens. São expostos instrumentos e técnicas de recolha de dados e a triangulação dos diferentes dados recolhidos. Finaliza-se com o desenho de investigação e apresentação das questões éticas.

### **3.1 Estudo de Caso**

O rigor que é aplicado num método de investigação é o que distingue o conhecimento científico de outro tipo de conhecimento mais genérico. A partir das questões de investigação, das finalidades das mesmas e da revisão da literatura optou-se para este trabalho pela metodologia de natureza qualitativa sedimentada num Estudo de Caso, uma das muitas formas de realizar pesquisa em ciências sociais.

Segundo Bell (2008) é um estudo especialmente indicado para investigadores isolados, dado que proporciona uma oportunidade para estudar de uma forma mais ou menos aprofundada, um determinado fenómeno de um problema em pouco tempo. Na sua essência tenta esclarecer uma decisão ou um conjunto de decisões: o motivo pelo qual foram tomadas, como foram implementadas e com quais resultados (Schramm, 1971; citado por Yin, 2011).

O método científico do estudo de caso é composto por cinco fases que consistem em identificar o problema ou questão, clarificar o problema, determinar a informação necessária e de como a obter, organizar a informação, e por fim interpretar os resultados (Yin, 2011).

Na perspetiva de Stake (2000) existe três tipos de Estudo de Caso: i) intrínseco, o investigador interessa-se pelo estudo do seu caso em particular, não se preocupando com as suas semelhanças com outros casos. O objetivo não é construir

ou provar teorias, mas sim compreender aquele caso específico; ii) instrumental, o investigador interessa-se por compreender determinado fenômeno, ou seja, tem um interesse externo e o caso serve de pretexto para o estudar; iii) coletivo: o investigador tem ainda menos interesse por um determinado caso, pretendendo antes estudar um número significativo de situações que lhe permita analisar e compreender um determinado fenômeno, população ou teoria.

Neste trabalho foi feito o Estudo de Caso intrínseco, uma vez que não existe a pretensão de construir uma teoria, apenas compreender modos operantes da Oficina das Artes, as estratégias implementadas e o interesse das crianças em frequentá-la.

Quanto à tipologia, os Estudos de Caso de acordo com (Yin, 2001) podem ser classificados como exploratórios, se a finalidade é obter informação preliminar sobre o objeto de estudo, descritivos, quando interessa descrever o “como”, ou ainda analíticos, sempre que problematizam, constroem ou desenvolvem uma nova teoria, confrontando-a com outras existentes. Todos pressupõem a interpretação da realidade pelo investigador.

Neste estudo a tipologia deste estudo é o descritivo uma vez que objetiva descrever os fenômenos e acontecimentos do caso.

### **3.1.1 Vantagens e desvantagens do Estudo de Caso**

De acordo com Yin (2003), o método de Estudo de Caso tem vantagem em relação a outros métodos quando se deseja saber o “como” e o “porquê” de algum fenômeno que seja contemporâneo e sobre o qual o pesquisador tenha pouco ou nenhum controle.

As desvantagens que podem ser encontradas num Estudo de Caso ligam-se à subjetividade, porém, esta situação pode ser atenuada pelo recurso à triangulação de dados entre as várias fontes de informação. Além disso, a escassa possibilidade de generalizações e teorizações pode ser tida como uma limitação do estudo. O tamanho dos trabalhos, que tendem a ser bastante extensos, também é considerado uma desvantagem em relação a outros métodos (Yin, 2003).

Uma grande vantagem do Estudo de Caso é que permite uma investigação para se preservarem as características holísticas e significativas dos acontecimentos da vida real.



### **3.2 Seleção de técnicas e instrumentos de recolha de dados**

As técnicas e instrumentos de recolha de dados utilizados foram a observação realizada nas Oficinas da Arte da instituição, o questionário às crianças do 1º Ciclo EB e a entrevista à coordenadora pedagógica e à monitora da Oficina de Arte.

#### **3.2.1 Observação**

Segundo Stake (2009) as observações conduzem o investigador a uma maior compreensão do caso. O mesmo autor afirma ainda que durante a observação o investigador do Estudo de Caso qualitativo mantém um bom registo dos acontecimentos para providenciar uma descrição relativamente incontestável para análise posterior e para o relatório final.

Para esta pesquisa utilizou-se a observação em contexto natural como metodologia.

Para um primeiro contato com a instituição e com a Oficina de Arte que é o principal foco do estudo, as observações à instituição, ainda que informalmente, iniciaram-se desde a primeira visita que aconteceu em março de 2019 onde foi apresentada as instalações da instituição bem como as atividades disponibilizadas pela mesma.

As observações de carácter não participante foram realizadas à Oficina de Arte acompanhando a realização das atividades com as crianças com principal foco as do 1º CEB. A observação ocorreu nos meses de outubro e novembro tendo início no dia 18 de outubro e seguindo por mais três sextas-feiras conforme acordado com a instituição. As informações observadas foram registadas numa grelha construída para o efeito (Apêndice III) na qual se pretendia recolher dados sobre a tipologia da atividade, a descrição da mesma, o número de crianças participantes, a organização do espaço, os recursos utilizados e a dinâmica das crianças à chegada à Oficina de Arte.

Durante as observações não foram feitos registos fotográficos como forma de não intervir nas atividades nem chamar a atenção das crianças, lembrando que se tratava de uma observação não participante, buscando atender ao máximo para as atividades e seu desenvolvimento.

### 3.2.2 Entrevista

Conforme Yin (2001) a entrevista é das mais importantes fontes de informações para um Estudo de Caso. Para Bell (1993) a entrevista pode “transmitir informações que uma resposta escrita nunca revelaria” (p.137).

Para este estudo foram realizadas entrevistas semiestruturadas, e para tal foi realizado um guião prévio (Figuras 2 e 3) apoiado na revisão da literatura e nas finalidades formulados pelo estudo.

**Figura 2**

*Guião da entrevista semiestruturada à Coordenadora Pedagógica*

Categories	Objetivos	Tarefas/Questões
Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado	Agradecer a participação ao entrevistado Criar um ambiente descontraído e de confiança. Apresentação, de forma breve, dos objetivos da investigação. Solicitar autorização para a gravação da entrevista e a tomada de notas.
Caracterização sociodemográfica	Recolha de dados referentes a nível de escolaridade; atividade /função na instituição; tempo que trabalha na instituição.	Grau académico Quanto tempo trabalha na instituição? Quanto tempo trabalha na instituição como coordenadora pedagógica?
Práticas da Expressão Plástica no contexto não formal	Identificar práticas relacionadas com a Educação não formal e Expressão Plástica.	Como é realizado a planificação das atividades da oficina de arte? Como é feita a seleção das atividades que serão desenvolvidas na oficina de arte? Existe algum critério específico para a escolha dos materiais a serem utilizados nas Oficina das Artes? Na sua opinião o que motiva as crianças a escolherem participar das Oficina da Artes? Na sua opinião qual a vantagem da interação das crianças com outras em idades diferentes da sua? Quais as dificuldades encontradas? Quais as maiores vantagens e desafios da prática da expressão plástica no contexto não formal?
Recursos e estratégias	Refletir sobre estratégias, atividade e recursos	Durante as atividades conseguem identificar a preferência das crianças

utilizados no ensino da Expressão Plástica	utilizados em contextos não formais com crianças do 1º ciclo em termos da expressão plástica.	por alguma das atividades da oficina das Artes? Tem tido, por parte das crianças e/ou famílias/comunidade <i>feedbacks</i> das atividades realizadas? Se sim pode me falar de que forma acontece. Na sua opinião como poderá ser potenciado a expressão plástica no contexto não formal?
--	---	--

O objetivo principal foi averiguar, as estratégias utilizadas na Oficina das Artes e as opiniões das entrevistadas sobre a mesma, abordando as atividades realizadas, as estratégias e a frequência das crianças do 1º Ciclo EB nesta Oficina.

As entrevistas foram realizadas nos dias 05 e 06 de novembro de 2020 conforme agendamento prévio realizado com a coordenadora. Foram feitas com a coordenadora e monitora da Oficina de Arte respetivamente e realizadas *online* devido ao estado de emergência em vigor no país nas datas referidas.

Conforme acordado com a instituição foi encaminhado o guião das entrevistas e as mesmas foram registadas em áudio e vídeo com arquivo para a investigadora e a instituição.

### Figura 3

#### *Guião da entrevista semiestruturada à monitora de Oficina das Artes*

Categories	Objetivos	Tarefas/Questões
Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado	Agradecer a participação ao entrevistado Criar um ambiente descontraído e de confiança. Apresentação, de forma breve, dos objetivos da investigação. Solicitar autorização para a gravação da entrevista e a tomada de notas.
Caracterização sociodemográfica	Recolha de dados referentes a nível de escolaridade; atividade /função na instituição; tempo que trabalha na instituição.	Qual o grau académico? Há quanto tempo leciona? Há quanto tempo leciona nesta instituição?
Práticas da Expressão	Identificar práticas relacionadas com a	A oficina de arte apresenta uma boa percentagem de participação das

Plástica no contexto não formal	Educação não formal e Expressão Plástica.	crianças. Na sua opinião o que motiva as crianças a participar das Oficina das Artes? Na sua opinião qual a vantagem da interação das crianças com outras em idades diferentes da sua? Quais as vantagens da exploração da expressão plástica em contexto não formal?
Recursos e estratégias utilizados no ensino da Expressão Plástica	Refletir sobre estratégias, atividade e recursos utilizados em contextos não formais com crianças do 1º ciclo em termos de ensino da expressão plástica.	Durante as atividades conseguem identificar preferência das crianças por alguma das atividades da Oficina das Artes? ou receber das crianças e/ou famílias/comunidade <i>feedbacks</i> das atividades realizadas? Se sim pode me falar de que forma acontece.

As observações à instituição também foram importantes para a formulação do guião. Assim os dois instrumentos de recolha de dados se complementaram entre si levando um esclarecimento maior a respeito das questões a serem esclarecidos para o estudo.

### 3.2.3 Questionário

Neste estudo foi utilizado um questionário realizado às crianças que frequentaram a Oficina das Artes. Esta oficina é uma das várias modalidades das atividades disponibilizadas pela instituição às crianças que frequentam as Atividades de Tempos Livres. Estas têm oportunidade de frequentá-las conforme sua disposição e preferência. Os questionários foram disponibilizados na Oficina durante duas semanas, sendo entregues pela professora, em envelope, contendo o questionário e a solicitação de autorização para os encarregados de educação, bem como os objetivos do estudo e o e-mail da investigadora para esclarecimentos ou informações adicionais caso necessário. O questionário estava dividido em duas partes: i) parte sociodemográfica; ii) práticas artísticas (Apêndice IV). Em conversa informal, solicitou-se aos encarregados de educação, cujo educando ainda não conseguia ler que colocassem as questões aos filhos, a fim de obter informações através das crianças. O objetivo do questionário foi verificar o interesse das crianças na atividade de

Expressão Plástica desenvolvidas na Oficina das Artes, a sua frequência e ainda as suas preferências em relação as atividades nela desenvolvidas.

Foram disponibilizados nas Oficinas de Arte por um período de 2 semanas 60 questionários que foram entregues às crianças mediante sua participação na Oficina. Deste foram devolvidos 49 questionários válidos.

Importante ressaltar que o questionário foi elaborado a partir das finalidades do estudo, na revisão da literatura, observações á instituição e ainda as leis norteadoras do ensino do 1º Ciclo nomeadamente Educação Organização Curricular e Programas - 1.º Ciclo do Ensino Básico (2004) sendo a referência para a indicação e questionamento sobre as atividades oferecidas, uma vez que estas crianças frequentam o ensino formal.

### **3.2.4 Fotografia**

Foram realizadas fotografias das atividades realizadas e ainda daquelas que já haviam sido concluídas e que estavam expostas nos painéis e paredes. A opção por esta técnica teve por base Bogdan & Bilken (1994), para os quais “as fotografias dão-nos fortes dados descritivos, são muitas vezes utilizadas para compreender o subjectivo e são frequentemente analisadas indutivamente” (p.183).

Porém é importante ressaltar que as fotografias foram de momentos fora da observação e tiradas pela instituição. Esta opção foi uma forma de garantir a não intervenção no andamento natural das atividades e ainda pelo facto da oficina ter um curto tempo de duração conforme já descrito.

### **3.2.5 Notas de Campo**

Foram realizadas notas campo, materializadas num diário de bordo representando um instrumento de recolha de dados para esta pesquisa qualitativa. Foi um instrumento fundamental e segue o princípio de Bogdan e Biklen (1994) que define como “o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiência e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo” (p. 150).

Estes dados registados foram importantes para a elaboração de outros instrumentos de recolha de dados nomeadamente os inquéritos por questionário e o guião da entrevista.

### **3.3 Análise de dados**

Segundo Sampieri et al (2006), o processo para levar a cabo a análise qualitativa implica: rever o material/ dados recolhidos; planear a apresentação de análise; estruturar e interpretar os dados em planos (primeiro e segundo); proceder à descrição reflexão dos projetos de modo a garantir a máxima confiança nos dados apresentados.

No presente estudo, a análise dos dados foi feita em sequência, partindo da leitura dos vários elementos recolhidos, procurando refletir nas transcrições as considerações mais pertinentes e indispensáveis.

### **3.4 Triangulação**

A triangulação é um processo baseado no princípio de que uma informação só é válida se procede de três fontes distintas e independentes.

Para Denzin (citado por Stake, 2009), existem quatro tipos de protocolos de triangulação: (i) dados, verificar se o fenómeno ou caso permanece inalterado noutra momento ou espaço, ou quando as pessoas interagem de forma diferente; (ii) investigador, observação por parte de diferentes investigadores do mesmo fenómeno; (iii) teoria, quando dois ou mais investigadores fazem a comparação dos seus dados; (iv) metodológica, quando existem múltiplos métodos de recolha de dados.

Neste estudo o processo de análise dos dados teve por base a triangulação metodológica através da implementação dos questionários, entrevistas e observação através de grelha própria, fotografia e diário de bordo.

### **3.5 Desenho de investigação**

Esta investigação ocorreu entre os meses de setembro de 2019 e dezembro de 2020, sendo interrompida entre março e junho devido ao contexto da pandemia (Despacho n.º 3485-C/2020).

**Tabela 1***Cronograma das ações de pesquisa*

Ações	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Jun	Jul	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun
	2019	2019	2019	2019	2020	2020	2020	2020	2020	2020	2020	2020	2021	2021	2021	2021	2021	2021
Identificação do problema de investigação	X	X	X															
Enquadramento da literatura	X	X	X	X														
Construção dos instrumentos de recolha de dados	X	X	X	X														
Recolha de dados		X	X						X	X	X	X	X					
Tratamento dos dados			X	X					X	X		X						
Redação do documento escrito	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X	X
Revisão do texto				X	X	X				X	X	X	X	X		X		X
Entrega do trabalho																		X

A calendarização das diferentes fases do trabalho (Tabela 1) contribuiu para o desenvolvimento de um estudo contínuo e consistente.

### 3.6 Questões éticas

Bell (1993) citando BaxterAL, define os princípios éticos como:

A ética da investigação tem de ver com a clareza em relação à natureza do acordo feito com os inquiridos e outros contatos. É por isto que os contatos podem ser tão úteis. Uma investigação conduzida de forma ética envolve o consentimento informado das pessoas que vão ser entrevistadas, questionadas e observadas, ou ainda junto de quem vão ser recolhidos materiais. Fazem parte do processo os acordos relativos ao uso de dados e à forma como a sua análise vai ser comunicada e difundida. Uma vez alcançados tem a ver com respeitá-los. (Bell, 1993, p. 56)

Neste sentido para este estudo respeitou seus princípios éticos ao longo do trabalho em curso na medida em que solicitou autorização à instituição (Apêndice I) contendo os principais objetivos e etapas da pesquisa bem como o público a quem se dirigia.

Foi solicitada ainda autorização para os demais participantes nomeadamente aos encarregados de educação (Apêndice II) para que as crianças pudessem responder ao questionário e aos colaboradores que foram entrevistados, informando-os acerca do estudo, do destino da informação recebida, da liberdade de escolha deste quanto à sua participação ou não bem como ao direito de imagem e da informação a prestar.



## CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### 4.0 – Introdução e finalidades

Neste capítulo descreve-se e analisa-se os dados recolhidos através das diferentes técnicas e instrumentos de recolha de dados tendo por base o enquadramento teórico do estudo.

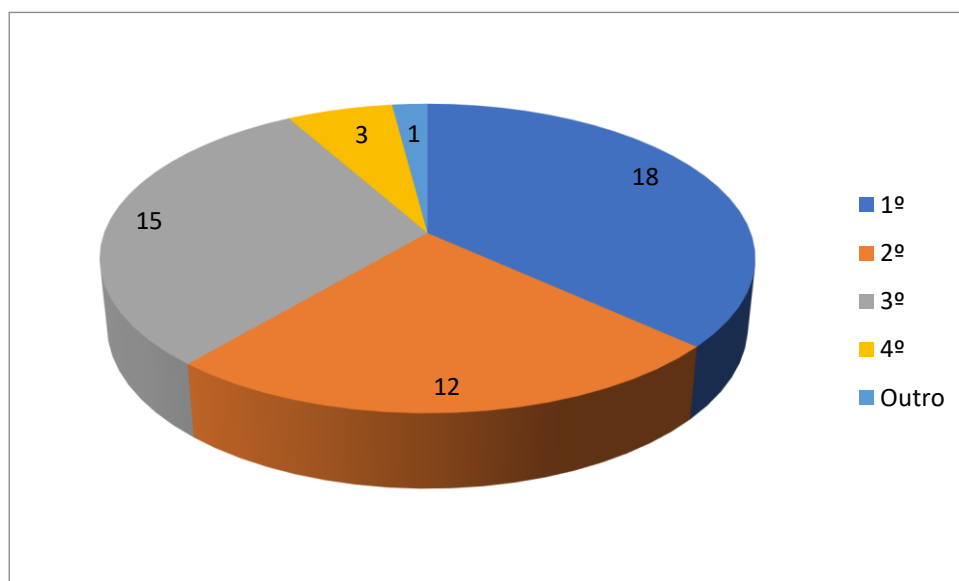
### 4.1 Caracterização dos participantes

Os participantes desta investigação foram quarenta e nove crianças do 1º CEB com idades compreendidas entre 6 e 11 anos, sendo 22 do sexo masculino e 27 do sexo feminino.

Quanto à escolaridade, 18 das crianças que participaram da investigação são do 1º ano do 1º ciclo, 12 são do 2º ano, 15 do 3º ano, 3 do 4º e 1 criança marcou a opção outro (figura 4). Todas as crianças frequentam as escolas do 1º CEB públicas situadas na proximidade da instituição onde se realizou o estudo.

**Figura 4**

*Frequência de crianças por ano escolaridade*



Para além das crianças foram também participantes deste estudo a coordenadora pedagógica e a monitora da Oficina de Arte. A coordenadora pedagógica da instituição possui licenciatura e trabalha na instituição à 14 anos como Coordenadora de Atividades de Animação e de Apoio a Família.

Neste estudo para além de ser entrevistada colaborou com a investigadora na elaboração e estruturação dos questionários a ser implementados às crianças indicando os termos que seriam melhores compreendidos por elas por serem mais usuais nas atividades oferecidas.

A monitora trabalha na instituição à vinte anos, possui 12º ano de escolaridade e o curso de animadora infantojuvenil. Na instituição atua auxiliando na Oficina de Arte, executando também outras funções como por exemplo o acompanhamento do transporte das crianças da escola até a instituição, isto porque a instituição adota rotatividade nas funções exercidas pelas monitoras.

## **4.2 Oficina de Arte no contexto não formal**

A Oficina de Arte, estudada está integrada nas atividades dos tempos livres (ATL) promovida pela instituição. Normalmente o horário de funcionamento é das 15:00 até às 18 horas, com números variados de crianças e com a participação das mesmas de forma rotativa. Essa rotatividade pode advir de motivos diversos, como por exemplo fazer os trabalhos de casa, passar primeiro por outras oficinas ou ainda a atividade ser interrompida porque o encarregado de educação vem buscar o educando.

O seu espaço físico fica situado no andar inferior do edifício sendo que o seu acesso é feito por elevador ou escadas. Importante salientar que a escada normalmente se encontra decorada com atividades realizadas pelas crianças durante as Oficinas.

Trata-se de uma sala de média dimensão circundada por armários com materiais de arte diversos no seu interior possui ainda um lavatório acessível às crianças, uma vez que ali também são realizadas atividades utilizando tintas.

As crianças frequentam as Oficina de Arte após as aulas no 1º CEB, deste modo o seu funcionamento ocorre, por norma, a partir das 15 horas. Participam na Oficina de Arte crianças com diferentes idades. Verifica-se a integração entre as crianças de idades diferentes de forma natural realizam as atividades sugeridas

enquanto dialogam de maneira informal, partilhando o dia passado na escola ou fazendo questionamento.

Em algumas atividades observa-se ainda a entre ajuda. Apesar deste estudo focar nas crianças do primeiro ciclo, verificou-se um ambiente de integração entre estas e as crianças mais novas. Esta interação e integração entre crianças de idades diferentes está em conformidade com o que foi descrito por Barbosa (2009) como sendo uma função da arte.

Esta importância da interação entre as idades foi destacada nas entrevistas com a coordenadora e monitora ambas afirmando acharem importante. Sobre isto a coordenadora afirma que:

Por acaso é uma coisa que as pessoas acham diferente, estarem crianças por exemplo com 3 anos estarem no mesmo espaço de crianças com 7 ou 8.

Mas funciona muito bem porque há uma entre ajuda os mais velhos até ajudam os pequenos, orientam os pequenos. Eles não sentem que seja assim diferente. Não desvalorizam porque por exemplo, um desenho de uma criança de 3 anos não tem nada a ver com o desenho de uma criança de 10 anos, mas eles não chegam ali a dizer o que é isto, que coisa são só rabiscos.

Eles respeitam uns aos outros porque estão habituados a estarem juntos e sabem que cada um tem as suas capacidades conforme a idade e para eles é natural estarem, e acho que é importante, tem haver com respeito e com toda parte social e acho que é importante para eles ter idade diferente (coordenadora).

A monitora também demonstrou entusiasmo quanto ao fato de existir interação entre as idades das crianças que frequentam a oficina a mesma afirma:

Eu acho que é ótima porque os mais velhos acabam por ajudar os mais novos e os mais novos acabam por evoluir com eles. Acho que, eu pelo menos só vejo a nível positivo. Estas diferenças de idades nas salas acabam por ser vantajosos para uns que aprendem a partilhar e a ajudar o outro e os mais pequeninhos acabam por evoluir (monitora).

Neste contexto dentro da sala os móveis e materiais são organizados de modo a favorecer a integração entre as crianças, com mesas e cadeiras organizadas

coletivamente, com materiais para que sejam compartilhados entre as crianças sentadas próximas.

Foram observados a utilização de recursos variados, podendo ser citada casca de pinheiro, folhas secas e papéis reutilizados que foram utilizados nos momentos da observação.

Porém em conversa com as professoras e também como foi falado nas entrevistas vimos que há um vasto leque de opções de materiais a serem explorados e utilizados. Mas sempre com priorização de utilização reaproveitados e colhidos da natureza, o que pudemos verificar na atividade que estava a ser realizada no momento da observação que era uma colagem com casca de pinheiro, e ainda verificando os painéis da sala com os trabalhos expostos onde foram utilizadas em sua confecção folhinhas secas, segue fotos com algumas atividades observadas.

Assim verificamos as atividades realizadas na oficina especificamente sobre os materiais em conformidade com o que é descrito na Organização Curricular e programas do primeiro ciclo que “manipulação e experiência com os materiais, com as formas e com as cores permite que, a partir de descobertas sensoriais, as crianças desenvolvam formas pessoais de expressar o seu Mundo interior e de representar a realidade (ME, 2004, p.89).

Os materiais utilizados pelas crianças na oficina também foram mencionados nas entrevistas e sobre eles a coordenadora afirma que:

Nós em relação a tudo o que é o básico lápis marcadores estas coisas muito básicas nós tentamos sempre ter material de qualidade ao dispor das crianças porque, pronto, isto também influencia depois o que eles conseguem fazer, não é? Não tendo bom material para trabalhar também não é tão bom os resultados e para eles, para o prazer de estar ali a usar as coisas, também procuramos ter sempre bons materiais (coordenador).

Apesar de ser uma Oficina no contexto não formal, sem obrigatoriedade de responder às exigências do sistema educativo é notório a preocupação e o cuidado da instituição em manter materiais de boa qualidade demonstrando a importância dos mesmos para o desenvolvimento das aprendizagens da expressão plástica das crianças. Atentando ainda para o fato dos mesmos serem disponibilizados e organizados pelas professoras e monitoras de modo a serem acessíveis a todas as crianças.

Assim foi observado em concordância com o enquadramento teórico referente à educação não formal nomeadamente por Gohn (2006): o educador, é aqui assumido pela monitora; o local, a instituição apresenta um espaço específico para desenvolver as atividades da expressão plástica; não é organizada por níveis, idades ou conteúdos, neste contexto está patente nas crianças participantes com diversas idades.

As fotografias que se seguem foram realizadas de modo a preservar a identidade das crianças e com o objetivo de demonstrar as atividades conforme verifica-se na figura 5 onde mostra as crianças utilizando lápis cera e papel.

Além de ilustrarem a organização da sala demonstram, por exemplo, o uso coletivo dos materiais e a disposição nas mesas de forma a facilitar a interação entre as crianças.

Na figura 5 temos uma atividade utilizando lápis cera e papel. É possível constatar as informações descritas aquando da observação da sala onde a disposição das mesas se encontra de forma coletiva para que possam partilhar os materiais utilizados.

### **Figura 5**

*Crianças em atividade com lápis de cera*



Relativamente à figura 6, apresenta-se um exemplo de uma atividade com outros materiais: tintas e tampas de embalagens que foram utilizados como carimbos. Esta opção reflete ainda a preocupação da instituição em incentivar o conhecimento a respeito da reutilização de materiais e a consciência ecológica.

Este aspeto que foi também verificado durante a observação e ainda descrito nas entrevistas com a coordenadora e monitora conforme já descrito anteriormente.

**Figura 6**

*Crianças em atividade com tintas*



A figura 7 refere-se à observação realizada ao painel com várias atividades cujo tema era outono dentre elas a atividade do ouriço caixeiro que foi aquela que ocorria em sala durante o período de observação da Oficina de Arte. Nele apresenta uma atividade de colagem com materiais variados.

**Figura 7**

*Painel com algumas atividades das crianças*



Os trabalhos das crianças são expostos ainda no Hall de entrada da instituição, onde os pais normalmente frequentam (antes da pandemia). No momento de ir buscar os filhos podem verificar alguns dos trabalhos realizados, sendo em muitas das vezes convidado/ incentivado pelo filho a observar.

Estes trabalhos desenvolvidos na Oficina de Artes encontram-se também expostos nos painéis da respetiva sala para além das escadas referidas anteriormente.

#### **4.2.1 Estratégias utilizadas na exploração da Expressão Plástica na Oficina de Arte**

Na instituição, quando a criança chega ao ATL tem a oportunidade escolher a atividade que deseja realizar. Para isso a estratégia utilizada para a exploração da mesma consiste na criança ao entrar na sala da Oficina de Arte encontrar logo à entrada painéis onde está exposta a sugestão da atividade a ser realizada no dia e algumas atividades que foram realizadas anteriormente.

É importante realçar que a criança é quem faz a escolha em frequentar a Oficina de Arte e realizar a atividade sugerida. Assim, e sendo o objetivo deste estudo verificar e identificar os possíveis motivos pelos quais as crianças selecionam a Oficina para frequentar foi verificado através do questionário um elevado número de participação na mesma. Dos 39 dos 49 inquiridos responderam que frequentam a Oficina de Arte

Em entrevista a coordenadora e questionando sobre a que atribui o grande número de crianças que frequentam a Oficina de Arte a mesma afirma:

Sim, é de livre vontade porque como temos tantos espaços de atividades eles podem escolher ir ou não ir às artes, mas acho que é uma área que eles precisam que até não é tão desenvolvida agora no ensino na escola no dia a dia é uma parte que é um pouco menos desenvolvida e então eles aqui têm mais liberdade para esta parte da criatividade e para aprender técnicas novas. Eu acho que eles gostam muito de ir as artes porque tem coisas diferentes pronto e isto justifica um pouco a curiosidade deles quererem experimentar e ver como que se faz e os seu os resultados e pronto. Acho que por causa disto que é uma área que eles necessitam e que não fazem muito no dia a dia não fazem muito na escola porque é uma parte estruturada tem o programa deles.

Neste mesmo sentido a monitora afirma que:

É assim, para mim acho que tem haver durante o dia principalmente os do primeiro ciclo porque como estão na escola não há oficina de artes, há uma pequena parte de trabalho manuais, mas nós como damos tanta liberdade para eles explorarem as atividades então acho que faz isto ser um espaço com muita afluência nas crianças por que eles ali dão asas a imaginação por mais que possam ter uma atividade que seja orientada mesmo assim eles podem explorar à maneira deles são livre para explorar as artes. Acho que é por aí.

O Ministério da Educação através do documento Organização Curricular e Programas define as aprendizagens esperadas em cada etapa do 1º Ciclo, no entanto existem programas a serem exigidos em outras disciplinas. Podendo estar neste fato a percepção obtida pela coordenadora de que as crianças que frequentam a Oficina de Arte pela o trabalho menos desenvolvido na escola, mas também ao empenho que elas depositam na realização das tarefas.

Como visto no enquadramento teórico, Gadotti (2005) “a educação não formal é mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática. Os programas de educação não-formal não precisam necessariamente seguir um sistema sequencial e hierárquico de ‘progressão” (p.2).

Observamos que a Educação Não Formal também contribui e promove aprendizagem e desenvolvimento da criança e o mesmo acontece de forma dinâmica proporcionando às crianças a oportunidade de exercerem o protagonismo neste processo de aprendizagem o que vai ao encontro do que alguns autores como Paulo Freire, Loris Malaguzzi, e Arno Stern defendem, sendo este último específico no ensino das expressões plásticas.

As ideias patentes nas entrevistas vão ao encontro do que Gohn (2006) coloca como sendo características e finalidades da educação não formal. Para esta autora consiste em abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos, bem como as relações sociais que este estabelece. Esclarecendo ainda que os objectivos não são dados previamente, constroem-se na interação, gerando um processo educativo, voltado para e/a partir dos interesses e necessidades de quem participa conforme já especificado no segundo capítulo deste estudo.

Acompanhamos a realização de uma atividade que consistia em ornamentar um ouriço cacheiro. Para esta atividade foram disponibilizados sobre a mesa vários materiais: lápis de colorir, lápis de cera, casca seca de pinheiro e cola que poderiam



ser utilizados pelas crianças. Dado que a duração da Oficina de Arte é limitada foi previamente disponibilizado o contorno do animal em recorte. As crianças ao entrarem na sala observavam o painel e começavam desde logo a atividade. Primeiramente iniciavam a pintura com lápis de cor ou lápis de cera e em seguida faziam a colagem da textura com casta de pinheiro simulando assim os espinhos do ouriço cacheiro. Durante a atividade algumas crianças observavam o painel onde estava exposto a sugestão da atividade e algumas atividades realizadas anteriormente procurando fazer em conformidade com as mesmas. Outras crianças optavam por fazer a seu gosto. Em nenhum momento era solicitado que se fizesse de alguma forma padrão.

Durante toda a atividade a monitora acompanhou e chamou atenção para os materiais utilizados questionando se conheciam aquele material, indicando que se tratava da casca de pinheiro.

O facto dos materiais ficarem previamente organizados facilita e agiliza a execução da atividade dado que o tempo da Oficina de Arte é relativamente curto por se tratar de uma ATL conforme citado anteriormente. Outro fator que contribui para que o tempo da oficina não seja suficiente para, em muitos casos, finalizar a atividade é o facto de algumas crianças ao chegarem à instituição não seguirem direto para a Oficina de Arte.

De acordo com a sua vontade, as crianças podem optar por frequentar os outros espaços e atividades disponíveis, ou por precisarem realizar atividades de casa antes de irem para a Oficina de Arte. Este aspeto é salvaguardado pela instituição na medida em que disponibiliza as atividades sugeridas por vários dias seguidos dando oportunidade para que consigam concluir. Foi observado algumas crianças a chegar à Oficina de Arte e recomeçar a atividade do dia ou dias anteriores.

Importante salientar que na sala ocorre simultaneamente várias atividades uma vez que algumas já executaram a atividade sugerida e querem continuar na Oficina. Para estas crianças encontram-se disponibilizados vários materiais para desenho, pintura e colagem que poderão ser utilizados.

### **4.3 Planeamento de atividades de Expressão Plástica para as crianças do 1ºCEB em contexto não formal**

Na instituição a implementação da Oficina de Arte é precedida de um planeamento que foi um assunto destacado durante a entrevista com a coordenadora uma vez que é parte importante para o esclarecimento de algumas questões do estudo. Sobre o planeamento a mesma afirma que este é realizado em reunião com os profissionais:

Nós nas artes fazemos uma pesquisa de ideias de temáticas a trabalhar com eles, e depois reunimos com as funcionárias que estão lá a dinamizar depois durante a tarde e entre todas pensamos nas ideias que cada uma recolheu e depois comigo fazemos a planificação quase por períodos. Agora estamos a fazer por períodos, por exemplo de Setembro ao Natal, e depois reunimos outro vez fazemos até a Páscoa e depois da Páscoa até o final do ano letivo. E em relação ao período do verão e como eles estão cá o dia todo, já requer uma planificação própria só para o verão também envolve saída envolve outras dinâmicas, mas fazemos por período.

No decorrer deste planeamento as atividades a serem sugeridas para as Oficinas de Arte partem do interesse das crianças procurando aquelas que melhor poderão adequar à variedade de idades das crianças que participam na oficina. E esta informação vai ao encontro do que os autores estudados definem a criança como protagonista já que suas preferências são levadas em conta no planeamento das atividades e ainda que ela tem a liberdade de opção de frequentar a oficina.

Outro dos aspetos importantes a terem em consideração para a seleção das atividades é a opção dos materiais, pois procuram utilizar materiais de desperdício.

Ao nível da dinâmica diária da implementação das atividades é feita previamente “uma pesquisa de ideias temáticas a trabalhar” (coordenadora) com as crianças que posteriormente é debatido com os monitores da Oficina.

Quanto às atividades que despertam o interesse das crianças a coordenadora e a professora forneceram respostas semelhantes respondendo primeiramente a pintura:

eles gostam muito de trabalhar com tintas, tudo que é experienciar com os dedos

com as mãos e explorar o material. É uma atividade que eles gostam muito, tudo

que é experienciar com dedos e manipular. Gostam quando são atividades coletivas em grupinhos eles gostam muito. (coordenadora)

Para Oliveira (s.d.) as crianças, em contacto com diferentes materiais e técnicas diversificadas através da Arte e Expressão Plástica a criança tem a possibilidade de se expressar e reconstruir o seu mundo interior, estabelecendo uma comunicação e um comportamento ajustado ao meio. Esta ideia parece estar em concordância com a base de planeamento das atividades de Expressão Plástica para as crianças do 1º CEB na instituição onde decorreu o estudo.

Importante ressaltar que a oficina é também realizada no verão para aquelas famílias que desejam ou necessitam mediante assim a uma solicitação prévia. Ela funciona em horário estendido e de forma integral e assim com um planeamento específico. Porém seguindo a linha pedagógica da instituição.

#### **4.4 Participação das crianças nas Oficina de Arte**

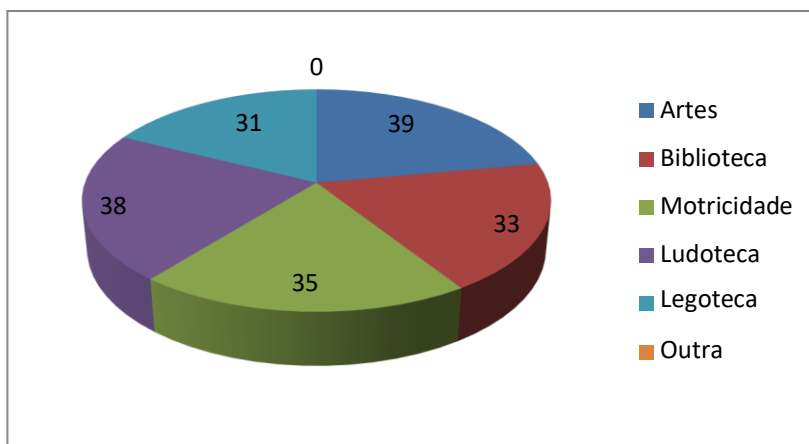
As crianças quando chegam à instituição após as suas aulas, tem várias opções de espaços e atividades para participarem, conforme figura 8, sendo possível num mesmo dia frequentarem mais de uma atividade.

Durante a observação das atividades foi possível constatar uma quantidade variada de crianças a frequentar a Oficina de Arte isto porque existe um fluxo rotativo. Há sempre novos participantes a chegar à Oficina e alguns, ao final da atividade, a sair para frequentar outras oficinas ou mesmo irem embora por serem avisadas da chegada do encarregado de educação para buscá-lo. Porém foi verificado mais de uma vez episódio onde a criança pede para que fique mais um pouco na Oficina demonstrando vontade de finalizar a atividade que está a ser realizada.

A frequência das crianças na Oficina de Arte pode ser verificada ainda através dos questionários feito às mesmas nos quais 39 dos inquiridos responderam que frequentam a Oficina de Arte. Das atividades disponibilizadas pela instituição, nomeadamente arte, biblioteca, motricidade, ludoteca, legoteca a mais frequentada é a Oficina de Arte, sendo que 39 afirmaram frequentar, seguida da ludoteca que 38 afirmaram frequentar.

**Figura 8**

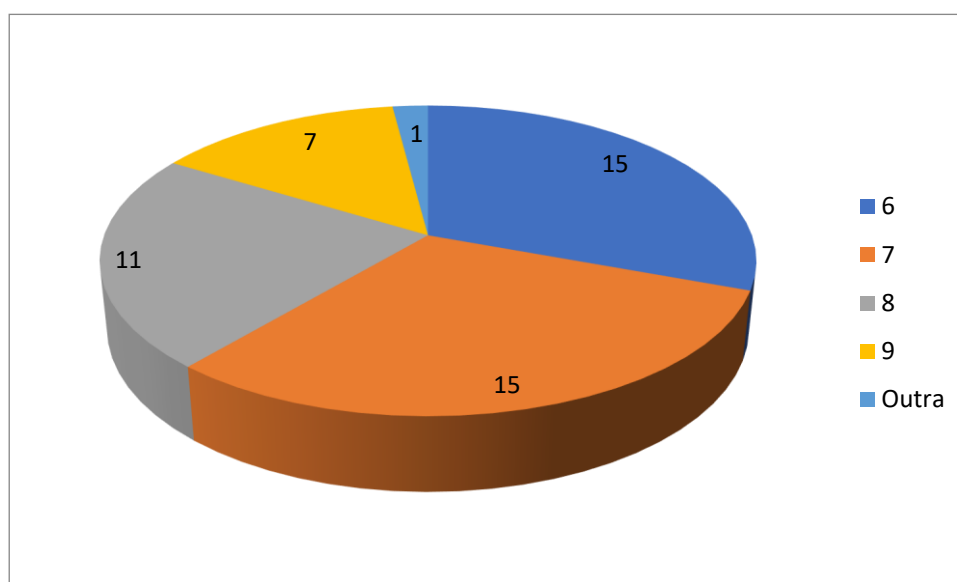
*Frequência de crianças por atividade*



A maioria das crianças que frequentaram a Oficina de Arte são as de 6 e 7 anos que corresponde a trinta crianças na sua totalidade, seguidamente surge as de 8 anos que correspondem a 11 crianças e por fim as de 9 anos de idade com 7 crianças. Apenas uma criança tinha 11 anos de idade (figura 9).

**Figura 9**

*Frequência na Oficina de Arte por idade*



Na opinião da coordenadora o interesse das crianças pela Oficina de Arte deve-se principalmente à liberdade em manifestar a criatividade e a possibilidade de

aprender técnicas novas. Esta ideia está em concordância com Stern (1974) que afirma que

as crianças têm normalmente necessidade da expressão plástica, de desenhar, para enunciarem o que não conseguem confiar à expressão verbal e, se admitirmos este facto como princípio justificativo da sua actividade criadora, a expressão “livre” nunca será colocada em causa. (p. 6)

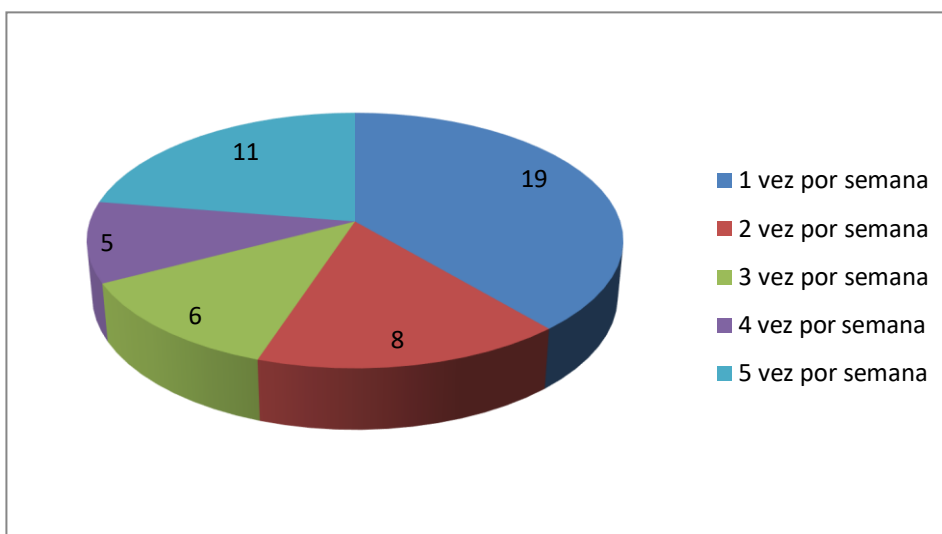
Sobre a frequência na Oficina de Arte (figura 10) a maioria vai uma vez por semana, seguida em quantidade por aqueles que vão 5 vezes por semana. Neste item é importante ressaltar que este fato se deve também por terem dias em que algumas crianças não conseguem frequentar a oficina por precisarem realizar as atividades de casa para as quais a instituição também auxilia.

Porém, as crianças continuam a ter a oportunidade de realizar as atividades propostas pela Oficina pois a mesma atividade é sugerida dias seguidos permitindo desta forma que as crianças consigam realizar e/ou concluir uma vez que alguns não a finalizam no mesmo dia.

Quando não há possibilidade de concluir a atividade existe o cuidado de guardar os materiais para que possam ser finalizadas noutro dia. Neste sentido ainda observamos algumas crianças pedindo que o encarregado de educação esperasse um pouco na tentativa de finalizar a atividade.

**Figura 10**

*Frequência semanal da oficina de arte*



Sobre a preferência das atividades (Tabela 2) realizadas na Oficina de Arte destaca-se das oito realizadas, a escultura, a pintura, desenho e modelagem como mais incidência, e o recorte, colagem, dobragem e tecelagem com menos incidência. Todavia, importa destacar que todas as atividades têm incidência positiva quando comparada com as atividades em que as crianças mencionam preferir menos. A tecelagem é a atividade que menos as crianças gostam. Trata-se de um dado interessante na medida em que a coordenadora mencionou que a preferência das crianças incide em atividades que implicam manuseamento e explosão das mãos.

**Tabela 2**

*Preferência das atividades*

Classificação	Pouco					muito
	1	2	3	4	5	
Modelagem	1	3	6	6	22	
Desenho	1	1	10	5	24	
Recorte	3	1	12	11	12	
Colagem	2	3	5	14	17	
Escultura	2	0	5	5	36	
Pintura	2	1	1	12	25	
Dobragem	5	1	4	12	19	
Tecelagem	7	2	7	5	10	

A maioria das crianças afirmaram que não havia nenhuma das atividades que ainda não fizeram ou que gostariam de fazer, sendo que apenas 5 dos inqueridos marcaram a opção sim afirmando que tinham atividades que ainda não fizeram ou que gostariam de fazer, nomeando estas atividades 3 disseram não terem feito tecelagem e 2 modelagem.

De acordo com a recolha de dados a motivação que levam as crianças de 1º CEB no contexto da educação não formal ao optar pela Oficina da Arte no âmbito da instituição em estudo tem por base: a diversidade de atividades proposta, a disponibilidade de materiais diversificados com texturas, cores, entre outros.

## **CAPÍTULO V – CONCLUSÕES**

### **5.0 Introdução e finalidades**

Neste capítulo, apresenta-se uma reflexão a respeito do estudo realizado iniciando com as considerações finais nas quais se procura dar respostas às questões de investigação.

Refere-se ainda as limitações do estudo, as suas implicações pessoais e finaliza-se com as sugestões para as futuras investigações.

### **5.1 Resumos dos Capítulos anteriores**

No primeiro capítulo foi apresentado contexto com a descrição da instituição onde se desenvolveu o estudo, o problema de investigação, as finalidade e questões de investigação.

O capítulo dois foi o enquadramento teórico realizado a partir das palavras-chave: Educação Artística, Educação Não formal e Expressão Plástica.

As opções metodológicas adotadas e a justificação da seleção do método de Estudo de Caso foram apresentadas no capítulo três, mencionando as suas vantagens e desvantagens.

A descrição, análise e discussão dos resultados dos dados foi descrito no capítulo quatro.

No capítulo cinco foi apresentado as considerações finais do estudo as suas limitações, implicações pessoais e as sugestões para as futuras investigações



## 5.2 Considerações Finais

Através do estudo foram esclarecidas as questões de investigação apresentadas para dar a conhecer uma boa prática de ensino das artes para as crianças com idade correspondente ao primeiro ciclo do ensino básico em contexto de educação não formal.

Nas observações realizadas na instituição verificou-se importância destas atividades para as crianças que demonstraram entusiasmo em participar bem como as famílias por saberem que as crianças estão atendidas em seu tempo extraescolar, o que foi demonstrado ainda pela disponibilidade apresentada em responder aos questionários da investigação.

A partir do estudo se concluiu que esta frequência por parte das crianças na Oficina de Arte deve-se:

- a um conjunto variado de atividades apresentadas;
- à liberdade que a criança tem de escolha em participar;
- à organização e adequação do espaço à tipologia de atividades a desenvolver;
- ao planeamento realizado em função dos interesses da criança;
- ao trabalho colaborativo e de partilha entre as crianças;
- à necessidade e gosto de expressar, manusear, experimentar por partes das crianças técnicas e materiais diversificados;
- ao ambiente salutar que existe entre os participantes.

Estes pontos evidenciados anteriormente parecem estar na base para o número expressivo de crianças a selecionarem frequentar a Oficina de Arte.

Nesta instituição a criança é assumida como protagonista também deste planeamento uma vez que todo ele é pensado de modo a atender os seus interesses e ainda de acordo com o que é referido nos documentos normativos do Ministério da Educação referente à diversidade de atividades, técnicas e materiais.

A criança ao longo do seu percurso pela instituição é atraída ainda de forma visual com as decorações dos corredores de acesso a Oficina de Arte nas quais se pode verificar os trabalhos realizados anteriormente.

A instituição representa um local onde a arte é explorada em sua essência e de forma livre pelas crianças que tem ainda a oportunidade de socializar com outras crianças em idades e contextos diferentes o que proporciona uma riqueza cultural e social importante.

Partindo das referências bibliográficas consultadas neste estudo, verifica-se a importância do ensino da arte e como ele é feito na Educação Não Formal. Destaca-se sua metodologia que prioriza a criança e suas preferências dando a elas a liberdade em participar das oficinas conforme a sua preferência. O resultado é o interesse partindo da criança a opção de frequentar e realizar as atividades propostas na Oficina de Arte.

Assim, verifica-se que a instituição coloca em prática o que é preconizado por diversos autores e investigações na área para os quais a criança é o centro da ação e tem acesso a várias técnicas e materiais de formatos e texturas diversas.

### **5.3 Limitações do estudo**

No decorrer do estudo e principalmente na parte final do mesmo, faz-se uma breve reflexão acerca dos constrangimentos sentidos no decorrer de todo o processo.

A principal dificuldade teve haver com a situação pandêmica que coincidiu com o período de desenvolvimento da dissertação. Depois da recolha dos questionários foi decretado estado de emergência e conseqüentemente o encerramento da instituição em estudo. Neste período a universidade também encerrou e neste contexto a dissertação ficou em suspenso e o período foi marcado por completa incerteza.

Após o período de emergência a instituição em estudo abriu, mas somente para acesso das crianças e funcionários conforme orientação da direção geral da saúde o que impossibilitou retorno à instituição para fazer entrevistas a nível presencial como estava inicialmente previsto. Assim, estas foram realizadas remotamente o que implicou um planejamento diferenciado que incluía o acesso à aplicação Zoom além de experiência na sua utilização. Esta dificuldade também foi

sentida por parte da instituição que teve que se organizar para que os colaboradores pudessem estar disponíveis para esta entrevista disponibilizando também a aplicação.

Com apoio da instituição foi possível contornar esta limitação e transcorrer o trabalho de modo a não interferir no resultado final e cumprir com os objetivos planejados.

Outro constrangimento sentido foi a limitação na bibliografia uma vez que pouco se encontrou sobre o tema específico do 1º ciclo, sendo mais recorrentes trabalhos voltados para os contributos da Educação Não Formal para a comunidade ressaltando em sua maioria os trabalhos realizados com jovens e adultos.

Devemos ressaltar ainda as limitações inerentes ao estudo de caso. Desta forma, os resultados deste estudo não podem ser generalizados. No entanto, espera-se que possam contribuir para maior conhecimento teórico da temática e ainda uma reflexão a respeito do tema estudado.

Apesar destas limitações mencionadas, nenhuma constituiu impedimento para validar o estudo e os resultados obtidos. Deste modo, este estudo não pretende fazer qualquer tipo de generalização, mas servir como fonte de consulta e estudo para futuros trabalhos e projetos de investigação.

## 5.4 Implicações Pessoais

Em pesquisas e estudos para o início do pré projeto a investigadora verificou um vasto acervo de dissertações, teses, artigos científicos, entre outros sobre diversos temas como a educação não formal, ausência do lúdico em sala de aula, o número de horas reduzidas as artes, experiências sobre a dinâmica de se realizar o ensino da arte. Este processo foi importante para situar o âmbito deste trabalho e que em muito contribuiu para o conhecimento e aprofundamento da investigadora para a implementação do presente estudo.

A certeza do tema selecionado bem como as visitas à instituição e observação das oficinas, onde se verificou a autonomia que é dada às crianças e a forma como estas tem liberdade para circular entre as oficinas foi para a investigadora uma mais-valia não só para a sua prática profissional, mas também porque está em concordância com o que é defendido por muitos autores especialistas na área.

O desenvolvimento do presente estudo contribuiu para a reflexão por parte da investigadora sobre as metodologias utilizadas no contexto da Educação Artística com destaque para a expressão plástica.

Por fim, e atendendo que este trabalho foi implementado em contexto pandémico constituiu um desafio grande para a investigadora dado que obrigou a reajustes e adaptações de estratégias para que o estudo fosse alcançado adequadamente a fim de atingir os objetivos propostos. Ainda neste contexto salienta-se o desenvolvimento de competências a nível digital que por força desta situação obrigou a investigadora a dominar e deste modo a contribuir para a sua formação.

### **5.5 Sugestões para futuras investigações**

Como sugestão para futuras investigações seria interessante investigar de forma mais alargada e aprofundada as crianças que frequentam a Oficina de Arte avaliando e registando o grau de desenvolvimento, sociabilidade e interação verificando assim de forma mais completa a importância da Oficina de Arte.

Com os estudos realizados e diante do que foi exposto anteriormente, seria interessante ainda outros trabalhos enfatizando a importância das instituições e associações culturais no desenvolvimento social das crianças e comunidade como um todo. Divulgando ainda as atividades e as metodologias adotadas na instituição que motiva tantas crianças a praticarem a arte.

Nos estudos da literatura foi verificado pouca variedade de pesquisas abordando especificamente as metodologias adotadas na educação não formal. Nas pesquisas foi especificado o ensino da arte, mas poucos resultados foram disponibilizados, sendo assim seria importante abordar investigar as metodologias neste contexto.

Espera-se assim que o presente estudo possa inspirar para futuras investigações sobre a exploração das artes plásticas nos mais diferentes tipos de ensino.

Também se considera que a instituição é um modelo nesta área de estudo de educação não formal e que poderá ser inspirador para outras instituições dado a importância da interação e integração das crianças e do seu desenvolvimento das aprendizagens no âmbito das artes plásticas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS

- Barbosa, A. M. (2009). *Arte, Educação e Cultura*. Domínio Público.
- Bell, J. (1993). *Como Realizar um projeto de investigação*. Gradiva.
- Best, David. A racionalidade do sentimento: o papel das arte na educação. Portugal: Porto Codex, 1996.
- Calado, P. (2014). Fazer Escola com o Escolhas, Programa Escolhas. *Interações No. 29*, 60-94.
- Canário, R. (2006). *Aprender sem ser ensinado. A importância Estratégica da Educação Não Formal In AAVV, A Educação em Portugal*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação. Conselho Nacional de Educação.
- Candau, V. M. (1995). *Oficinas Pedagógicas de Direitos Humanos 2ª ed.* Petrópolis, RJ: Vozes.
- Carneiro, R. (2001). *Fundamentos da Educação e da Aprendizagem*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.
- Castelo, C. d. (20 de Setembro de 2020). Viana do castelo.
- Castelo, C. M. (2020). <http://www.cm-viana-castelo.pt/pt/apresentacao>.
- Cavaco, C. (2002). *Aprender fora da Escola Percurso de Formação Experiencial*. Lisboa: Educa.
- Dumazedier, J. (1994). *A Revolução Cultural do tempo Livre*. São Paulo: SECS Studio Nobel.
- Eça, M. T. (2008). Educação artística em Portugal entre a tradição e a ruptura. *Pós: Belo Horizonte*, p. 26-36.
- Eça, T. (2008). *Para acabar de vez com a Educação Artística*.
- EDUCAÇÃO, M. D. (2001). Currículo Nacional do Ensino Básico- Competências Essenciais. Departamento da Educação Básica.
- Educação, M. d. (1986). *Lei nº 46/86 de 14 de Agosto*. Lisboa.
- ELIA, 2021; Acessado em <https://elia-artschools.org/>

Eisner, E. (2008). O que pode a Educação aprender das Artes sobre a prática da Educação? In *Currículo sem Fronteiras*. V.8, n.2, pp.5-17

Freire, Paulo . *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

Freire, P. (2003). *Pedagogia da Autonomia Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra.

Gadotti, M. (2005). A questão da educação formal / não formal. In *Droit à l'education: solutions à tous les problèmes ou problème sans solution?* (1-11). Suíça: IDE.

Gohn, M.G. (2006). Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. *Ensaio: avaliação das políticas públicas de educação*, 14 (50), 27-38. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405.pdf>

Gohn, M. d. (2014). Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos. *Investigar em Educação*, 35-50.

InSEA. (2021). Acessado [http://www.insea.org/sites/default/files/uploads/zzz/Joint\\_Declaration\\_2006.pdf](http://www.insea.org/sites/default/files/uploads/zzz/Joint_Declaration_2006.pdf)

LaBelle, T. (1982). Formal, non-formal and informal education: a holistic perspective on lifelong learning. *International Review of Education*, 159-175. LaBelle, T. (1986).

LaBelle, T. (1986). *Non-formal Education in Latin American and the Caribbean. Stability, Reform or Revolution?* New York: Praeger.

Lowenfeld, V. (1977). *A criança e sua arte*. São Paulo: Mestre Jou.

Malaguzzi, Loris. História, ideias e filosofia básica. In: Edwards, Carolyn; Gandini, Lella; Forman, George. *As Cem Linguagens da Criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

Macedo, E. D. (1998). *Centro de Actividades de Tempos Livres, Condições de Implantação, Instalação e Funcionamento*. Lisboa.

Oliveira, M. (2017). *A Educação Artística para o Desenvolvimento da Cidadania Atividades Integradoras para o 1º Ciclo do Ensino Básico*. São Salvador: Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual - APECV.

Oliveira, M. e. (s.d). *A Arteterapia: Os efeitos terapêuticos da Expressão Plástica e sua influência no comportamento e comunicação da criança*. Porto: Caderno 1 Escola Superior de Educação de Paula Franssinetti.

Osmar, F. (2007). *Educação Não Formal: Contextos, percursos e sujeitos*. Campinas: Educ. Soc.

Pinto, L. & Teles, F. (2009) - *Ser Capaz de Adquirir Competências – o Programa Escolhas na perspectiva das crianças e jovens, Programa Escolhas, Lisboa*.

PNA, (2020). Acessado em <https://www.dge.mec.pt/plano-nacional-das-artes>

Roberto Hernandez Sampieri, C. F. (2006). *Metodologia de Pesquisa*. São Paulo : McGraw-Hill.

Read, H. (1982). *A educação pela arte*. Lisboa: Edições 70.

Sousa, S. (2003). *Educação pela Arte e Arte na Educação Vol. I e III*. Lisboa: Instituto Piaget.

Stake, R. E. (2009). *A Arte da Investigação com Estudo de Caso*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Stern, A. (1974). *A expressão*. Porto: Livraria Civilização.

Stern, A. (s/d). *Uma nova compreensão sa Arte infantil*. Lisboa: Livros Horizonte.

Teles, L. P. (2009). *Ser Capaz de Adquirir Competências – o Programa Escolhas na perspectiva das crianças e jovens, Programa Escolhas*. Lisboa.

Trilla-Bernet. (2003). *La educación fuera de la escuela. Ámbitos no formales y educación social*. Barcelona: Ariel.

UNESCO. (2020). <https://en.unesco.org/commemorations/artseducationweek>.

Vygotsky, L. (1998). *A Formação Social da Mente*. Brasil: Martins Fontes.

Yin, R. K. (2001). *Estudo de caso, : planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman.



### **Referências Legislativas**

Decreto-Lei n.º 176/2014

Decreto-lei n.º 344/90

Decreto-Lei n.º 55/2018

Decreto-Lei n.º 6/2001

Despacho n.º 3485-C/2020

Lei 55/2018, de 6 de julho

Lei n.º 46/86

## **APÊNDICES**

## Apêndice I- Solicitação de Autorização da Instituição

---



Ex. mo Senhora

Diretora da Associação Cultural

**Assunto:** Solicitação de autorização para a realização de um estudo sobre a Educação Artística no contexto da educação não formal

Eu, Sandra Santos Silva, aluna do mestrado em Educação Artística na Escola Superior de Educação (ESE) do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, venho por este meio solicitar a V. Ex., autorização para a realização de um estudo sobre a Educação Artística no contexto não formal na instituição à qual preside.

O estudo tem como objetivo identificar as práticas e refletir sobre estratégias, atividades e recursos das Artes em contexto da educação não formal.

Para que seja possível, solicito a V. Ex.<sup>a</sup>, autorização para a realização de observações nas Oficina de Arte, implementação de questionários às crianças do 1º Ciclo do Ensino Básico que frequentam as Oficina de Arte e a realização de uma entrevista à coordenadora pedagógica. Também gostaria de fazer recolha de imagens na sala onde se realiza as Oficina das Artes focando apenas os registos dos trabalhos, sem recolher dados pessoais ou imagens das crianças e profissionais da instituição. Neste contexto comprometendo-me a cumprir todos os procedimentos éticos e profissionais exigidos pela sua instituição.

Pede deferimento.

Viana do Castelo, 9 de outubro de 2019

---

(Sandra Santos Silva)

Apêndice II – Solicitação de autorização para os Encarregados de Educação

---



Instituto Politécnico de Viana do Castelo  
Escola Superior  
de Educação

Ex. mo Senhor(a)

Encarregado (a) de Educação

**Assunto:** Autorização para a realização de um estudo sobre a Educação Artística no contexto da educação não formal

Eu, Sandra Santos Silva, aluna do mestrado em Educação Artística na Escola Superior de Educação (ESE) do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, pretende desenvolver um estudo sobre a Educação Artística no contexto da educação não formal que tem como objetivo identificar as práticas e refletir sobre estratégias, atividades e recursos das Artes.

Para que seja possível, solicito a V. Ex.<sup>a</sup>, autorização para a recolha de imagens focando apenas os registos dos trabalhos, sem recolher dados pessoais ou imagens dos educandos, e a colaboração no preenchimento de um questionário com o seu educando sobre a temática. Comprometo-me a preservar a identidade pessoal das crianças com o anonimato.

Grata pela atenção e colaboração.

Viana do Castelo, 30 de dezembro de 2019

---

(Sandra Santos Silva)

-----  
**AUTORIZAÇÃO**

Eu, \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_, encarregado (a) de educação do educando (a)  
\_\_\_\_\_, venho por este meio autorizar / não autorizar (riscar o que não interessa) a recolha de imagens dos trabalhos do (a) meu (minha) educando (a), no âmbito do desenvolvimento do trabalho de Mestrado de Sandra Silva, do qual tive conhecimento.

O (A) Encarregado (a) de Educação

---

### Apêndice III – Grelha de observação



#### **Grelha de Observação das Oficinas de Arte**

Identificação:
Localização:
Data: ___/___/ 2019 Horário: ___: ___

Atividade observada:
Nº de alunos:
Professores:

<b>1. DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE</b>
<b>1.1. ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO</b>
<b>1.2. CHEGADA DAS CRIANÇAS</b>
<b>1.3. RECURSOS UTILIZADOS</b>

## Apêndice IV– Questionários às crianças

---



Este questionário enquadra-se no Mestrado em Educação Artística da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo.

A temática em estudo é Educação Artística no contexto não formal com o objetivo de identificar as práticas e refletir sobre estratégias, atividades e recursos das Artes em contexto da educação não formal.

A informação será apenas utilizada neste estudo. Porque a sua colaboração é imprescindível, agradeço desde já sua atenção e disponibilidade para responder às questões abaixo indicadas. Informo ainda que o questionário é anónimo. Se necessitar de alguma informação adicional, pode contactar a investigadora responsável através do e-mail:sandrbrtgsm@yahoo.com.br

### PARTE I. INFORMAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA (Por favor assinala com x)

**Sexo:** Masculino  Feminino

#### Idade

6 anos	
7 anos	
8 anos	
9 anos	
Outra (Por favor indica qual)	

Ano de escolaridade que frequenta:

1º ano	
2º ano	
3º ano	
4º ano	

Outra  (Por favor indica qual)	
--------------------------------------	--

Indica a Escola que frequentas: \_\_\_\_\_

**PARTE II. PRÁTICAS ARTÍSTICAS (Por favor assinala com x)**

Qual (s) atividade(s) que realiza na ACEP?

Artes	
Biblioteca	
Motricidade	
Ludoteca	
Legoteca	
Outra (Por favor indica qual)	

Com que frequência vai à Sala das Artes?

Uma vez por semana	
Duas vezes por semana	
Três vezes por semana	
Quatro vezes por semana	
Cinco vezes por semana	
Outra (Por favor indica qual)	

Das atividades das Artes realizadas assinala de 1 até 5 de acordo com a tua preferência. Sendo 1 para aquela (s) que menos gosta e a 5 que mais gosta.

	Pouco			Muito	
Modelagem	1	2	3	4	5
Desenho	1	2	3	4	5
Recorte	1	2	3	4	5
Colagem	1	2	3	4	5
Escultura	1	2	3	4	5
Pintura	1	2	3	4	5
Dobragem	1	2	3	4	5
Tecelagem	1	2	3	4	5

8- Existe alguma atividade que ainda não fizeste na Oficina das Artes e que gostarias de fazer?

Não	
Sim (Indique qual)	

**Obrigado pela sua colaboração!**



